

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

HELENA BONUCCELLI STEFANI

COPYPASTAS: O PRIMADO DA FORMA E A REGRA DO CAOS – UMA ANÁLISE
DE DISCURSO DIGITAL

SÃO CARLOS – SP
2024

HELENA BONUCCELLI STEFANI

COPYPASTAS: O PRIMADO DA FORMA E A REGRA DO CAOS – UMA ANÁLISE
DE DISCURSO DIGITAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Letras da Universidade Federal de
São Carlos, para obtenção do título de
Bacharel em Linguística, sob
orientação da Profa. Dra. Luciana
Nogueira

São Carlos - SP
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso da candidata Helena Bonuccelli Stefani, realizada em 13 de setembro de 2024, às 14h00:

Profa. Dra. Luciana Nogueira – orientadora
Universidade Federal de São Carlos

Profa. Dra. Lígia Boin Menossi de Araújo – banca examinadora
Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr. Guilherme Adorno – banca examinadora
Universidade Federal Fluminense

Para Lilica, minha companheira de quatro patas, que partiu antes que pudesse ter a chance de mastigar estas páginas impressas sobre esses tais de corypastas.

AGRADECIMENTOS

Aos pais, Teresinha e Mario, pela sombra e água fresca.

Ao irmão, Angelo, pelos *insights* de outro lado do cronicamente online.

Ao vovô e às vovós, Mario, Yvonne e Natalina (*in memorian*), pela força do espírito.

À amiga de longa data, Natalia, pelo 100% no Genshin e por ouvir minhas crises.

Às “ajudantes”, Isis, Gisele e Marília, pela bengala da psicoterapia.

Aos amigos, colegas e professores da Linguística, pelas pulgas atrás da orelha.

À orientadora, Luciana, por ouvir minha teoria da conspiração, e trazer os saberes.

E ao Naruto, que pode ser um pouco duro às vezes.

According to all known laws of aviation, there is no way that a bee should be able to fly. Its wings are too small to get its fat little body off the ground. The bee, of course, flies anyway because bees don't care what humans think is impossible.

Bee Movie, 2007

RESUMO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, fundamentado na teoria da Análise de Discurso Materialista e Análise do Discurso Digital, procuro identificar, explicitar e descrever o funcionamento discursivo dos chamados *copypastas*. Como objeto, *copypastas* – um tecnogênero (Paveau, 2021) – são “blocos de texto” que, por um movimento de cópia e cola (e daí “copy”/“pasta”), circulam e cristalizam-se nos ambientes digitais através do *spam*. Geralmente irônicos, sua significação e produção de sentidos – levando em conta os gestos de interpretação dos sujeitos-usuários –, estão necessariamente atreladas ao fato de dito bloco de texto ser *identificado* como um *copypasta*. Para compreender seu funcionamento discursivo, faço uma análise de recortes “prototípicos”, considerando as instâncias de produção dos sentidos, a saber: a constituição, a formulação e a circulação, segundo Orlandi (2022). Em seguida, trato de analisar o modo como se dá o “nascimento” – e os obstáculos da “sobrevivência” – de recortes de *copypastas* não-prototípicos. A partir dessas análises, proponho a “hipótese” da meta-existência dos *copypastas*: pela hipérbole, seriam indicativos de um funcionamento base e determinante dos discursos do/no digital. A “regra” no caos da produção discursiva do online, o “primado da forma” – isto é, a consideração de que a “forma física” de um texto sobre-determina a sua significação, por conta do peso co-enunciativo que o técnico (incluindo o algorítmico, o “de trás das telas”) traz para os discursos digitais.

Palavras-chave: *copypasta*; tecnogênero; análise do discurso digital; digitalidade; interpretação.

ABSTRACT

In this Final Paper, based on the theory of Materialist Discourse Analysis and Digital Discourse Analysis, I try to identify, explain and describe the discursive functioning of the so-called cypastas. As an object, cypastas – a technogenre (Paveau, 2021) – are “blocks of text” which, through the action of copying and pasting (and therefore “copy”/“pasta”), circulate and crystallize in digital environments through *spam*. Generally ironic, their signification and production of sense – considering the gestures of interpretation of user-subjects – are necessarily linked to the fact that this block of text is *identified* as a cypasta. In order to understand its discursive functioning, I analyze “prototypical” excerpts, considering the instances of production of sense, namely: constitution, formulation and circulation, according to Orlandi (2022). I then analyze the way in which the “birth” of non-prototypical cypastas take place – and the obstacles to their “survival”. Based on these analyses, I propose the “hypothesis” of the meta-existence of cypastas: through a hyperbole, they would be indicative of the basic functioning of discourses of/in the digital world. The “rule” in the chaos of online discursive production is the “primacy of form” - that is, the thought that the “physical form” of a text overdetermines its meaning, due to the co-enunciative weight that the technical (including the algorithmic, the “behind the screen”) brings to digital discourses.

Keywords: cypasta; technogenre; digital discourse analysis; digitality; interpretation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: DISCURSO E DIGITAL	14
1.1 – DAS FORMAS E DAS PRÁTICAS: A AD DIGITAL DE MARIE-ANNE PAVEAU	15
1.1.1 – O cerne: uma mudança epistemológica.....	15
1.1.2 – O Discurso Digital Nativo	18
1.1.3 – Da nova episteme: a Análise do Discurso Digital.....	21
1.2. – A FUNDAMENTAÇÃO DOS COPYPASTAS	23
2.2.1 - A Ecologia do Discurso e a Noção de Compósito	23
2.2.2 – Copypastas: um Tecnogênero	25
1.3 – O DIGITAL DA/NA ANÁLISE DO DISCURSO MATERIALISTA	27
1.3.1 – A noção de Digitalidade e Corpografia	27
1.3.2 – A noção de Forma Material.....	30
1.3.3 – A Materialidade Técnica	31
1.3.4 – Materialidade Significante, Imbricação e Composição Material.....	32
1.4 – MEMÓRIA DISCURSIVA, METÁLICA E TECNODISCURSIVA.....	33
2 – A PROBLEMATIZAÇÃO INICIAL: O QUE É UM COPYPASTA?	38
2.1 – COPYPASTAS: UM CASO À PARTE	38
2.1.1 – Nem só meme, nem só viral	39
2.2 – CONSTITUIÇÃO, FORMULAÇÃO E CIRCULAÇÃO	43
2.2.1 – Uma apresentação inicial: copypastas e os gestos de interpretação.....	44
2.2.2 – A produção discursiva.....	55
2.2.3 – A Constituição.....	55
2.2.4 – A Formulação.....	57
2.2.5 – A Circulação.....	62
2.3 – COPYPASTAS, O SPAM, E A LÓGICA DO ABSURDO	65
3 – O NASCIMENTO DE UM COPYPASTA	68
3.1 – COPYPASTAS NÃO PROTOTÍPICOS: ANÁLISE DE CASOS.....	68
3.1.1 – Caso 1 – “alhaitham arruinado”	69
3.1.2 – Caso 2 – “me as a fujoshi”	75
4 – DA TELA PARA TRÁS: OBSTÁCULOS.....	82
4.1 – A SOBREVIVÊNCIA DOS COPYPASTAS.....	83
5 – CENAS PARA OS PRÓXIMOS CAPÍTULOS: O PRIMADO DA FORMA	89

5.1 – A META-EXISTÊNCIA DOS COPYPASTAS	89
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS.....	100

INTRODUÇÃO

Começo meu gesto de identificação, descrição e, principalmente, interpretação assumindo minha posição de analista como sujeito que é constantemente e ininterruptamente interpelado pelas condições de produção e ideologia que me constituem e atravessam. Como analista, meu corpus de análise é primariamente composto por enunciados que “aparecem” – aqui no coloquialismo para se referir aos efeitos da circulação hiper personalizada das bolhas individuais algorítmicas – nas minhas páginas iniciais das redes da web 2.0¹. Desse modo, não posso deixar de destacar como meus gestos interpretativos acerca dos cypastas também são perpassados por minhas próprias experiências e observações empíricas, porém individuais e, devido às características do/no digital, efêmeras e de difícil registro completo. Acrescento, inclusive, que essa influência se desdobra, neste trabalho, até mais do que na esperada opacidade das análises do discurso que lidam com os objetos mais “tradicionais” da AD, fato que será, por isso mesmo, de relevância, para minhas considerações ao longo deste texto.

Direciono, assim, meu objetivo com esta pesquisa: identificar, explicitar e descrever o funcionamento discursivo e produção de sentido dos/nos chamados “cypastas²”. Como objeto, eles apresentam características notavelmente singulares, mesmo se comparados a outros tecnodiscursos, tecnogêneros e/ou outros nativos digitais. Adianto-me aqui em uma breve definição: trata-se – o cypasta – de um bloco de texto, cuja produção de sentido está necessariamente atrelada ao fato de o dito bloco de texto ser *identificado* como um cypasta. É um tecnogênero – na definição de Marie-Anne Paveau (2021) –, na medida em que é um nativo digital, e que depende da sua condição técnica de ser “copiado e colado” inúmeras vezes, em forma de spam, para se cristalizar e se constituírem como, especificamente, um cypasta e, só assim, significarem.

Meu contato com os cypastas como objeto de análise e, conseqüentemente, minhas observações e considerações a seu respeito, vem de um período de exercícios de interpretação que começa no primeiro semestre letivo de 2022, para a execução

¹ “a web 2.0, web social ou participativa, surgida no início dos anos 2000, conecta as pessoas e baseia-se na interação multi-agentes (é a web das redes sociais e compartilhamento multimidiático)” (Paveau, 2021, p. 35).

² Um exemplo de cypasta pode ser encontrado na Figura 1, na página 39.

de um trabalho final – de minha proposta, mas desenvolvido em grupo – para a matéria de Linguagem e Discurso, ministrada pela professora (e aqui orientadora) Profa. Dra. Luciana Nogueira.

Destaco essa característica temporal da observação dos cypastas por conta da relevância particular do aspecto da circulação na constituição desses objetos. Elaboro mais a fundo esse aspecto no Capítulo 2. Porém, por agora, cabe a observação de que a coleta dos dados do corpus – que, ressalto, não procura tratar de uma análise de características quantitativas – foi feita em dois principais momentos: no segundo semestre de 2022 e no segundo semestre de 2023. Porém, saliento que também houve a observação do funcionamento de cypastas em momentos esporádicos do primeiro semestre de 2024, mas sem o propósito de constituição de corpus. No caso deste último, as observações culminaram na formulação de “hipóteses” – no sentido coloquial da palavra, e trabalhadas no Capítulo 5 – que, em tese, permitiriam a continuação dos estudos realizados neste trabalho.

Sendo assim, estruturei esta pesquisa seguindo a lógica correspondente às maturidades das observações dos cypastas referentes a esse período de tempo descrito, em uma espécie de análise “em camadas”.

Trazendo primeiramente um parêntese, faço uma breve introdução sobre os principais conceitos e postulados que ancoram este trabalho, em um capítulo de explicitação da fundamentação teórica. Nominalmente, me tomo dos conceitos propostos por Marie-Anne Paveau em seu livro “Análise do Discurso Digital: Dicionário das Formas e das Práticas” (2021), como, inicialmente, um plano de fundo das análises e, depois, um enfoque mais explícito. Depois, em um movimento de balizar teoricamente essas fundamentações de Paveau, apresento, neste mesmo capítulo, um conjunto de noções e conceitos da Análise do Discurso Materialista que julguei serem importantes uma vez que fizeram e fazem parte do meu processo de reflexão, problematização e compreensão do funcionamento do digital.

Porém, como já abordado, este é um trabalho que apresenta as análises correspondendo com a temporalidade do contato com os cypastas. Sendo assim, após a fundamentação em Paveau (2021) e na AD Materialista, apresento a “primeira camada” das observações acerca dos cypastas: no Capítulo 2, trabalho com os conceitos da análise do discurso de Eni Orlandi, fazendo uma breve introdução sobre as características da constituição, formulação e circulação dos cypastas, fruto da análise inicial feita em 2022 para o trabalho da disciplina, que deu origem à

problemática desta pesquisa atual. Nele, me restrinjo a uma análise de caráter mais geral, a fim de ilustrar e se fazer entender os aspectos mais “prototípicos” do funcionamento essencial dos cypastas, para que reflexões adiante já estejam ancoradas em um entendimento base das suas características.

Em seguida, a partir das problematizações oriundas desta reflexão feita em 2022, trago a análise de dois recortes de cypastas específicos – que chamei de não-prototípicos – buscando, agora já em 2023, entender quais seriam os fatores que resultam em um “nascimento” de um cypasta. A partir dessas observações, passo para a “segunda camada” e entro mais em Paveau, com uma problematização da ordem do técnico com relação ao funcionamento dos cypastas – e sua “sobrevivência”. Aqui, trabalho com os efeitos que mudanças nas redes sociais – como a compra de Elon Musk da plataforma Twitter e seu subsequente *rebranding* para “X”, por exemplo – trouxeram para a circulação e, conseqüentemente, a constituição e significação de um dos cypastas não-prototípicos previamente analisados.

A partir dessa problematização, além de observações esporádicas durante o primeiro semestre de 2024, apresento, no Capítulo 5, um apontamento analítico prévio – que, por agora, permanece apenas como uma nota analítica a ser investigada – de como o funcionamento base dos cypastas parecem indicar, através da hipérbole, uma “regra” na produção de discursos do/no digital. É neste capítulo, também, que trago para o primeiro plano minha constituição como sujeito analista interpelado pelas milhas condições de produção e, em um esforço de identificar como ocorre a disputa de sentidos nos cypastas, apresento análises feitas por Robert Topinka (2022), em seu artigo “The Politics of Anti-Discourse: Cypasta, the Alt-Right, and the Rhetoric of Form”, sobre o “primado da forma” e como, a partir dele, ocorre a produção de sentido de cypastas assumidamente utilizados pela extrema-direita.

Finalmente, apresento minhas considerações finais, retomando as principais características de funcionamento do cypasta trabalhados ao longo do texto, assim como apresentando as indicações de trabalhos e leituras futuras, a partir dos questionamentos e indicações de continuidade apresentados.

Porém, antes de partir para o capítulo de fundamentação teórica, reconheço aqui a necessidade de explicitação de alguns termos que serão utilizados ao longo deste trabalho – tanto por questões de didaticidade, quanto de clareza – sendo eles os seguintes:

1. Interações provenientes da plataforma *Twitter* (agora “X”) serão referidas por seus nomes antigos, sendo eles: *tweet*, *retweet*, *quotweet* ou *retweet com comentário*, *curtidas*, *comentários*. Ações referentes aos atos de “usuários” dentro da plataforma também serão designados com a terminologia antiga: *tweetar* ou *tuitar*, *retweetar* ou *retuitar*, *comentar* etc. A página inicial da plataforma, onde “aparecem” as postagens “recomendadas” ou impulsionadas, será referida também por seu nome antigo: *timeline* (“linha do tempo”).
2. Em diversos trechos do texto, me refiro ao campo da Análise do Discurso pela abreviação “AD”, assim como pela abreviação “ADD” para designar, especificamente, a Análise do Discurso Digital.

Feitos esses esclarecimentos, inicio agora meu exercício de análise, começando pela fundamentação teórica.

1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: DISCURSO E DIGITAL

Neste capítulo, busco contextualizar a perspectiva teórica de análise que perpassa as considerações feitas ao longo de todo este trabalho, mesmo que por vezes estas estejam presentes de maneira mais explícita, ora menos explícita. Para isso, faço, no início deste capítulo, uma apresentação compreensiva – tanto de aspectos gerais quanto daqueles mais especificamente relevantes para a análise do meu objeto – sobre o livro “Análise do Discurso Digital: Dicionário das Formas e das Práticas”, de Marie-Anne Paveau (2021).

Em seguida, trabalho com a apresentação de conceitos – que considero essenciais para a análise aqui feita – com base na Análise do Discurso Materialista, sendo esta uma filiação teórica que também ancora este TCC. Nessa segunda parte do capítulo, não pretendo fazer uma abordagem extensiva dessas conceitualizações, e sim somente traçar um panorama teórico que compreende perspectivas que não são da mesma vertente estrita daquela trabalhada por Paveau (2021) mas que, ainda assim, trabalham – ora mais, ora menos – diretamente com o digital. Com isso, procuro estabelecer um diálogo teórico entre as acepções trabalhadas por Paveau em seu Dicionário, e aquelas – igualmente relevantes – que vêm sendo propostas e trabalhadas por diversos pesquisadores brasileiros. Assim, procuro balizar teoricamente minha reflexão sobre o tratamento discursivo do digital.

Deste modo, nesse segundo momento, apresento os conceitos de Digitalidade (Cristiane Dias, 2016), Corpografia (Cristiane Dias, 2016), Forma Material (Eni Orlandi, 2007), Materialidade Técnica (Vitor Pequeno, 2020) e Imbricação Material (Suzzy Lagazzi, 2023), seguidos de um tópico dedicado para a explicitação dos conceitos de Memória Discursiva, Memória Metálica (Eni Orlandi, 2010) e Memória Tecnodiscursiva (Paveau, 2021). No Capítulo 2 – “A Problematização Inicial: o que é um cypypasta” – também apresento brevemente as definições dos conceitos de Constituição, Formulação e Circulação, de Eni Orlandi (2022) mas que, por questões de clareza e objetividade, não serão apresentados diretamente aqui na fundamentação teórica. Sendo assim, inicio a minha explicitação com o Dicionário das Formas e das Práticas.

1.1 – DAS FORMAS E DAS PRÁTICAS: A AD DIGITAL DE MARIE-ANNE PAVEAU

Trago esta ênfase especificamente ao Dicionário pois, como sugere o seu título, trata-se de proposições sobre uma análise do discurso que lida, fundamentalmente, com o *digital*. Paveau, essencialmente, propõe uma mudança epistemológica ao aparato teórico da AD, uma vez que identifica que os funcionamentos discursivos no “ambiente” digital apresentam singularidades e especificidades em sua forma material que, segundo ela, a AD “tradicional” não consegue analisar em sua totalidade.

No escopo deste trabalho, não há espaço para discutir se essa proposição procede. Mas, ainda assim, considero que aspectos de terminologia, definição e práticas de análise, propostas por Paveau, são extremamente úteis para a abordagem do objeto copypasta. Nomeadamente, considero que os conceitos de *Discurso Digital Nativo*, *Compósito* e *Tecnogênero*; assim como as práticas de análise centradas em uma perspectiva “ecológica” e “pós-dualista” permitem que um dos aspectos que considero central para o funcionamento discursivo dos copypastas – isto é, o aspecto *técnico* – seja mais bem claramente abordado e explicitado.

Ressalto novamente que essa perspectiva teórica não aparece em primeiro plano nos primeiros capítulos deste trabalho, pela escolha da abordagem “em camadas”. Mas, ainda assim, é importante que sejam consideradas no momento de leitura, uma vez que fazem parte da abordagem proposta no escopo mais geral do texto, da pesquisa.

Sendo assim, passo agora para a apresentação compreensiva dos principais fundamentos do Dicionário das Formas e das Práticas.

1.1.1 – O cerne: uma mudança epistemológica

Início minha explicitação teórica sobre o Dicionário trazendo, primeiramente, alguns aspectos editoriais que considero interessantes e demonstrativos de “onde” se encontra essa obra no campo da linguística, em especial da Análise do Discurso, à luz da necessidade e dificuldade de se estudar os “fenômenos digitais” através da perspectiva discursiva.

Como objeto editorial, o Dicionário contém 31 verbetes, que, para a edição brasileira de 2021, foram traduzidos, ao todo, por 26 profissionais e pesquisadores da

área da linguística, oriundos de instituições e “patrocinados” por diversas instituições de fomento científico espalhadas por todo o território nacional. Na página 11, há os agradecimentos de Paveau – que destaco, foram escritos em 2017, coincidindo com a publicação original em francês. Nesses agradecimentos, ela cita, entre seus *muito obrigadas*, “[os] linguistas *fora da caixa*, que compreendem a mudança sem medo” (Paveau, 2021), incluindo, dentre os citados ali, o nome de Eni Orlandi. Depois, um prefácio escrito por Mônica Magalhães Cavalcante, em 2021, que funciona, inclusive, como uma resenha do livro – e de onde empresto algumas citações ao decorrer dessa minha breve reflexão. Então, uma nota introdutória à edição brasileira escrita por Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas, que começa, ressaltando, com uma epígrafe de Donna Haraway, de seu “Manifesto Ciborgue”. Na quarta capa, um trecho traduzido de uma resenha de Dominique Maingueneau, publicada em 2018, que escreve como Paveau “pretende ‘equipar’ o campo em que ela circunscreve” (Paveau, 2021). Ao longo dos verbetes, muitos pesquisadores franceses, de muitas áreas do conhecimento – seja da geografia, antropologia, ciências sociais, ciências da informação etc. – que Paveau mobiliza para construir seus argumentos. Como “outliers” entre os francófonos, menções à Cristiane Dias e Eni Orlandi.

É um texto de grande impacto na área e que é, ao mesmo tempo, um tanto polêmico. Cavalcante (2021), no prefácio, descreve esse dicionário assim:

Este magnífico e revolucionário Dicionário da pesquisadora Marie Anne Paveau, da Université Paris XIII, é composto por em 31 verbetes, mais a introdução, todos relacionados, **como num nó borromeano, ou como num cálculo argumentativo, para defender a ideia de que a língua e usos discursivos se integram num verdadeiro compósito, e de que os recursos linguageiros só devem ser examinados em seus ambientes de produção.** (Cavalcante, 2021, p. 13-14, grifo nosso).

E é polêmico porque trata-se, fundamentalmente e assumidamente, como já mencionado, de uma proposta, por parte de Paveau – e extensamente justificada e argumentada no corpo do texto – de mudança epistemológica no âmbito dos estudos do discurso. É impossível de se entender todo e cada verbe, assim como todo e cada argumento da autora ao longo do texto, sem considerar, primariamente, que há um movimento central de radicalização e, muitas vezes, até de abandono completo de conceitos basilares da AD (“tradicional”, de linha francesa) à luz das singularidades do digital.

No capítulo da introdução, inclusive, Paveau, se refere à ascensão e instalação inescapável e constitutiva do “digital” na sociedade como uma “evolução civilizacional” (Paveau, 2021, p. 27). Como percepção catalítica para a escrita e publicação do dicionário, cita Louise Merzeau:

A ascensão do digital não se reduz nem a uma nova codificação dos conteúdos, nem à introdução de um novo canal de circulação. É uma transformação do ambiente, que afeta as estruturas e as relações. **Tal mutação não desestabiliza apenas os usos e os objetos. Ela desafia os modelos conceituais que servem para formalizá-los.** (Merzeau, 2009, p. 23 apud Paveau, 2021, p. 27).

E então:

Qualquer que seja o nome, revolução, transformação ou conversão, as ações e os efeitos do digital estão aí, o uso das tecnologias digitais, da internet e dos objetos conectados sendo progressivamente integrados a nossas existências, pelo menos nas áreas culturais, sociais e geográficas nas quais as ferramentas informáticas e as tecnologias digitais puderam se desenvolver; de fato, **não se deve esquecer que o digital, como a democracia ou a sexualidade, é uma noção profundamente situada e não comporta nenhuma universalização.** (Paveau, 2021, p. 27, grifo nosso).

Essa mudança basilar proposta por Paveau está centrada naquilo que ela denomina como a adoção de uma perspectiva “ecológica” e “não-dualista”, em direta oposição às fundamentações “logocêntricas” e “dualistas” que, segundo ela, configuram a base teórica e analítica da linguística saussuriana e, também, da Análise do Discurso “pré-digital”. Se realmente há alguma necessidade de drástica mudança epistêmica, ou então da criação de uma nova área (ou subárea) específica para a abordagem desses “novos” aspectos, não cabe aqui discutir – pelo menos não neste trabalho. Mas, novamente reitero: é central para o entendimento de todo o Dicionário a proposta e argumento da autora de que é preciso acepções novas, análises de base diferentes e que fundamentalmente configurem um rompimento com os postulados “tradicionais” da Análise do Discurso.

Retomo aqui meu objeto: entendo que as características singulares dos cypastas – que irei explicitar ao longo deste trabalho –, mais do que somente sua existência no digital, trazem a necessidade de uma abordagem teórica diferenciada. Por mais que inicio a análise com os conceitos de Constituição, Formulação e

Circulação de Orlandi, entendo que já partir da constatação de que este objeto se constitui como um *tecnogênero*, por exemplo, permite que as observações de funcionamento base, ancoradas na metodologia de análise da AD “tradicional”, sejam mais bem circunstanciadas. Além disso, novamente como exemplo, os obstáculos trabalhados no Capítulo 4, em “A Sobrevivência dos Copypastas”, entre outros momentos, dependem da constatação fundamental de que discursos nativos digitais são produzidos em uma ordem que não ignora o, digamos, “poder da máquina”, do “ambiente” (vulgo, aspectos compósitos, não languageiros) na produção direta dos sentidos e discursos. Por isso, destaco a importância fundamental das acepções de Paveau no Dicionário para as perspectivas trabalhadas neste texto.

Por agora, porém, destaco a segunda característica que está no cerne do dicionário: o entendimento de que há diferenças fundamentais e constitutivas entre aquilo que Paveau denomina como “discurso digital nativo” – seu objeto de análise, e meu também – e “discurso pré-digital”, “não-digital” ou “digitalizado”. Segundo Paveau, a singularidade do discurso digital nativo é tanta, que justifica a proposta de mudança epistemológica.

1.1.2 – O Discurso Digital Nativo

Antes de definir o que seria (ou não seria) um “discurso digital nativo”, faço o movimento que Paveau faz no capítulo de introdução do dicionário: apresento um breve panorama histórico, pincelando como, ao decorrer do desenvolvimento daquilo que coloquialmente chamamos de “internet” (bem como de outras tecnologias adjacentes), as ciências da linguagem foram deixadas – ou se deixaram, talvez – de lado da/na “conversa sobre o digital” em favor das ciências da computação e informação. Faço esse movimento, principalmente, com o propósito de pincelar os aspectos “de trás das telas” que considero igualmente determinantes e constituintes daquilo que considero como o *técnico* ao longo deste trabalho.

Paveau aborda as noções de “imobilismo das ciências sociais”, de Dominique Boullier (2015³), frente às mudanças da evolução. Eles trazem como o grupo “GAFA”

³ Referência, como no Dicionário das Formas e das Práticas: BOULLIER Dominique, 03/09/2015. Les sciences sociales ne jouent plus leur rôle de contre-pouvoir. *Le Monde Festival*, Propos recueillis par Laure Belot.

– sigla para denominar o grupo dos “gigantes da web”, ou as “big techs”: Google, Apple, Amazon, Facebook e Microsoft – são quem comandam tanto o desenvolvimento quanto a ascensão e manutenção dos dispositivos técnicos que sustentam a “evolução civilizacional” do/no digital. E, é no contexto e conjuntura (e condições de produção) dos discursos constituintes do Vale do Silício, nos EUA, – tanto em sua origem nos anos 1980, quanto na sua manutenção atual – que há uma exclusão das ciências sociais – e linguísticas – “da conversa”. O argumento de Boullier, por exemplo, citado por Paveau, traz bastante destaque para o aspecto *quantitativo* – e não *qualitativo* – da digitalidade⁴: “o grupo GAFA, [...] contrata cérebros para ‘fazer funcionar as máquinas’, de acordo com os novos métodos de trabalho assentados no volume, na variedade e na velocidade” (Paveau, 2021, p. 27-28). E é na supervalorização do quantitativo, que linguistas, e sociólogos e geólogos – mas certamente não só esses – são historicamente privados dos tratamentos dos dados que ali estão sendo trabalhados e desenvolvidos. As consequências político-sócio-históricas diretas e indiretas disso seriam interessantes de se aprofundar em trabalhos futuros, por exemplo.

No caso específico da linguística, Paveau destaca que Boullier traz a menção à área no contexto do PLN (Processamento de Linguagem Natural) – este sim tendo algum “acesso” aos processos que ali estão sendo desenvolvidos – mas é na linguística e da análise do discurso (que ela diz ser “ciência social por excelência”, discussões essas que fogem ao escopo deste TCC) que ela argumenta que há a necessidade de se “inventar novos conceitos, ferramentas e limites para dar conta do funcionamento dos discursos nativos da internet numa perspectiva **qualitativa** e **ecológica**” (Paveau, 2021, p. 28, grifo nosso), uma vez que, quando tiveram acesso aos “rastros”, isolaram “a materialidade linguística e discursiva extraída de seu ambiente tecnológico informático” (Paveau, 2021, p. 29) e “usam a internet *para corpus* e não *como corpus*”⁵ (Paveau, 2021, p. 30 apud Pierozak, 2015), não tratando verdadeiramente de aspectos constitutivos do discurso digital.

⁴ *Digitalidade*, aqui, é uma noção formulada por Cristiane Dias (2016), que pincelo no subcapítulo 1.3.1 desta fundamentação teórica.

⁵ Esse é um dos movimentos que tento fazer ao analisar os corypastas. Porém, considero que os aspectos restritivos de um TCC não me permitiram aprofundar suficientemente as abordagens a ponto de inquestionavelmente tratar-se de uma análise cuja internet é o corpus.

A partir dessa constatação, é preciso diferenciar, então, aquilo que Paveau insiste ser importante separar: discurso digital nativo *versus* discurso pré-digital e outros não nascidos da digitalidade.

O *Discurso Digital Nativo* não tem um verbete dedicado no dicionário. Sua definição aparece ao longo deles (no esquema argumentativo de um nó borromeano, como disse Cavalcante no prefácio), havendo instâncias em que aparecem definições incompletas, mas mais delimitadas. Uma delas está na introdução:

O discurso digital nativo é o conjunto das produções verbais elaboradas on-line, quaisquer que sejam os aparelhos, as interfaces, as plataformas ou as ferramentas de escrita. Ele coloca às ciências da linguagem, tais como são praticadas até o momento, uma série de problemas que só podem ser resolvidos questionando os modelos conceituais mencionados anteriormente por Louise Merzeau. (Paveau, 2021, p. 28, grifo nosso).

Considero ser mais fácil, portanto, delimitar o que é um discurso digital nativo falando sobre o que ele *não é*: não é discurso *pré-digital/não-digital*, ou seja, produzidos e circulados fora da interação com os aparelhos e interfaces tecnológicas da internet – como um jornal impresso, romance, ou até mesmo um post-it colado em uma geladeira; e não é um *discurso digitalizado* – ou seja, que “se efetiva por uma simples passagem do suporte da impressão no papel para o suporte eletrônico, [cujo] ato de imprimir está na constituição desse texto e ele, quando digitalizado, mantém essa estrutura” (Paveau, 2021), como um livro didático que é escaneado e compartilhado online via um arquivo em PDF.

Discurso Digital Nativo, do contrário, é uma concepção que depende da sua ancoragem na web 2.0 – a web das “redes sociais”, da “co-enunciação” – pois depende, justamente, das condições de circulação atreladas ao ambiente digital. Em outras palavras, é nativo do digital por ali nascer e crescer – se morre ou não já é outra conversa – sendo “pensado” e produzido no ambiente digital – com condições de produção e circulação intrinsecamente atreladas ao “ambiente digital” – e, conseqüentemente, comportando suas características específicas.

Essas características específicas, por sua vez, são nomeadas e definidas em seis categorias por Paveau: *composição*; *delinearização*; *ampliação*; *relacionalidade*; *investigabilidade* e *imprevisibilidade*. Menciono elas por questões de apresentação, porém, não pretendo me aprofundar nessas características, uma vez que entendo que

o enfoque deste trabalho é descrever o funcionamento discursivo dos cospastas, e não extensivamente elaborar o *porquê* que este se trata de um discurso digital nativo. Mas, também com fins de apresentação da teoria, na página 57, no verbete “Análise do Discurso Digital”, a autora descreve as produções nativas do digital da seguinte maneira:

Chamamos de nativas as produções elaboradas on-line, nos espaços de escrita e com as ferramentas propostas pela internet, e não aquelas transpostas para o espaço digital conectado após a digitalização de espaços escriturais e editoriais pré-digitais [...]. Os discursos produzidos on-line possuem características linguísticas, nomeadamente morfológicas, lexicais, discursivas e semióticas em geral, das quais o corpus teórico da análise de discurso e contexto pré-digital, baseado em uma concepção tradicional das ciências da linguagem, não é capaz de considerar: não está, por exemplo, equipada para dar conta do funcionamento de uma hashtag, para categorizar uma URL, para descrever formas digitais do discurso relatado (tecnodiscurso relatado) ou mesmo para analisar as formas de classificação automática dos enunciados on-line (através dos buscadores, por exemplo) (Paveau, 2021, p. 57).

1.1.3 – Da nova episteme: a Análise do Discurso Digital

Como discutido, a especificidade do funcionamento do/no digital é que configura, segundo Paveau, a necessidade de se haver uma mudança epistêmica que dê conta de trabalhar com os aspectos que diferenciam um discurso digital nativo daquele não-nativo. Essa análise do discurso digital, portanto, seria a conjuntura teórico-metodológica que se tomaria da descrição e análise “do funcionamento das produções languageiras nativas da internet, particularmente da web 2.0, em seus ambientes de produção, mobilizando igualmente os recursos languageiros e não languageiros dos enunciados elaborados” (Paveau, 2021, p. 57).

A análise do discurso digital está baseada em uma noção simétrica que tem por objetivo discutir as concepções logocêntricas da linguística (Paveau 2009; Dias, Paveau 2016b orgs.). Uma linguística simétrica confere um lugar equivalente ao languageiro e ao não-languageiro na análise linguística, partindo de uma concepção compósita da língua e do discurso. Ela questiona a distinção entre o linguístico e o extralinguístico, estabelecendo um contínuo entre as matérias languageiras e seus ambientes de produção. É esse contínuo que é colocado como objeto para a análise, e não mais apenas suas

matérias languageiras. Nesse sentido, a análise do discurso digital é uma ecologia do discurso. (Paveau, 2021, p. 58).

Cabe agora uma breve diferenciação da abordagem simétrica/pós-dualista e ecológica *versus* aquela dualista e logocêntrica, pela perspectiva da autora. Novamente não se tratando do enfoque deste trabalho, faço essa diferenciação por meio da tabela a seguir, com o propósito de apresentar as discordâncias de forma simples, objetiva e didática – porém de maneira bastante simplificada.

Tabela – as principais diferenças entre as abordagens

LOGOCÊNTRICA	DUALISTA		ECOLÓGICA	PÓS-DUALISTA
1. focados apenas na matéria languageira 2. definição saussuriana e dualista (“a língua considerada em si mesma e por si mesma”)	1. distinção da interioridade vs exterioridade; linguístico vs extralinguístico; objetividade vs subjetividade etc. 2. representação “antropocêntrica” da máquina – tida só como uma ferramenta, “neutra”, em que a criação languageira é 100% de origem / capacidade humana	X	1. continuum - discursos são constitutivamente integrados a seus contextos, sem separação da ordem da linguagem e realidade 2. compósitos - elementos não linguísticos são integrados ao objeto da análise 3. análise qualitativa	1. abordagem simétrica – a máquina não é neutra, e as determinações técnicas (agentes não humanos) co-constroem o sentido (obs: daí os neologismos compostos com o elemento tecno-) 2. coenunciação tecnológica

Fonte: autoria própria

Considero, a propósito dessas diferenças postuladas por Paveau que, há a necessidade de uma problematização acerca da natureza da dita “AD tradicional” aqui comparada e criticada. Especificamente, observo a designação “tradicional” em diversos momentos do Dicionário, como demasiadamente opaca. Sim, Paveau define, em princípio, que a abordagem “tradicional” da AD é aquela logocêntrica – ou seja, que “concentra a análise apenas em formas languageiras ou comunicacionais” (Paveau, 2021, p. 161) – e dualista – que trabalha com a diferenciação da “ordem do linguístico e extralinguístico, discurso e contexto” (Paveau, 2021, p. 160).

Mas, levanto o seguinte questionamento: a “AD tradicional” de Paveau contempla a AD Materialista, cuja acepção teórica aqui também nos inscrevemos? Na

perspectiva materialista, por exemplo, a máquina não é só uma ferramenta neutra, nem há essa separação estanque entre interioridade e exterioridade, linguístico e extralinguístico. Não é o enfoque deste TCC discutir a fundo se a posição epistêmica de Paveau exclui – ou inclui – a teoria materialista da sua definição de “AD tradicional”. Mas, menciono essa opacidade pois observo que este é um efeito de leitura que tenho quando em diálogo com a teoria apresentada no Dicionário e, cujas outras fundamentações teóricas aqui trabalhadas – na eventualidade de que a AD materialista seria considerada “tradicional” por Paveau – parecem contrariar.

Nomeadamente, existem diversas formulações de Pêcheux e de Orlandi acerca da não-neutralidade da máquina. Não trabalho diretamente com Pêcheux neste texto, mas Eni Orlandi, quando fala de constituição, formulação e circulação, aqui diretamente trabalhados no Capítulo 2, por exemplo, fala como os “meios” nunca são neutros. Além disso, Vitor Pequeno, em sua definição de materialidade técnica (2020), também já atribui esse não-neutro à máquina. Esses conceitos, bem como outros de Cristiane Dias, pelo modo como trabalha a questão da forma material do digital (2011; 2018) e Suzy Lagazzi, a partir de suas formulações sobre materialidade significativa (2009; 2011), composição e imbricação material (2015; 2023), serão apontados ao final deste tópico de fundamentação teórica.

1.2. – A FUNDAMENTAÇÃO DOS COPYPASTAS

Considerando os aspectos discutidos, na seção a seguir, trago uma breve explicitação dos conceitos que considero essenciais, a partir das proposições de Paveau, para a contextualização teórica dos corypastas.

2.2.1 - A Ecologia do Discurso e a Noção de Compósito

Primeiramente, entendo ser importante trabalhar com a conceitualização do termo “compósito”, uma vez que baseio as considerações dos capítulos de análise nessa proposição. Além disso, é desta noção que Paveau postula a noção do prefixo “*tecno-*” em suas terminologias propostas. Portanto, para isso, exponho aqui de maneira mais elaborada a definição sobre o conceito de “Ecologia do Discurso”, que está intimamente ligado com a noção de *compósito*:

A ecologia do discurso é uma abordagem da análise do discurso que toma como objeto não mais somente elementos linguageiros, **mas o conjunto do ambiente nos quais eles se inscrevem** (PAVEAU, 2013a). **Essa perspectiva teórica está assentada na ideia de que os discursos são constitutivamente integrados a seus contextos e não podem ser analisados apenas a partir da matéria linguageira, mas sim como compósitos, que integram o linguageiro e o tecnológico e igualmente o cultural, o social, o político, o ético, etc.** Essa abordagem radicaliza a concepção de linguagem sobre a qual se funda a análise do discurso dominante (a linguagem só pode ser analisada em seus contextos de produção), integrando os elementos não linguísticos ao objeto da análise (os corpus são constituídos de dados compósitos e não mais de dados apenas linguageiros). (Paveau, 2021, p. 159, grifo nosso).

Sendo assim, consideramos que um elemento de discurso é compósito quando:

[...] se constitui por uma mistura entre o linguístico e o técnico. No âmbito da antropologia simétrica de Bruno Latour (Latour, 1991), o termo *assemblage*/mistura designa a articulação do social com o natural em um todo híbrido; **da mesma forma, da perspectiva da ADD, o termo compósito, designa a copresença do linguageiro e do técnico nos discursos nativos da internet. Os observáveis não são mais as matérias puramente linguísticas, mas matérias compósitas, mestiçadas com o não-linguageiro de natureza técnica.** Falaremos então de formas tecnolinguageiras, tecnopalavras, tecnogêneros de discurso. (Paveau, 2021, p. 119, grifo nosso).

Ou seja, em outras palavras, aspectos que seriam tradicionalmente considerados como “externos” dos discursos na AD “tradicional” – como as possibilidades de “interação” em uma plataforma (comentários, *likes*, *views* etc.); o imagético (símbolo) por si mesmo dessas possibilidades; fotos de perfil, nomes de usuários, nomes de display de usuários; aspectos de filtragem algorítmica, “bolhas”; posts impulsionados (ou não), indicativos visuais de posts impulsionados (ou não); presença (ou não) de itens clicáveis, hashtags, URLs etc.; tipologia dos caracteres, possibilidade (ou não) de mudança na tipologia dos caracteres, forma visual em que estão dispostos esses caracteres em um enunciado; tipos de postagens (em texto, em vídeo, em GIF etc.); tipo de rede social e seus aspectos diferenciadores (como postagens no Twitter *versus* Instagram, por exemplo); entre muitos outros – passam,

agora, a serem considerados como constitutivamente integrados ao languageiro na produção discursiva.

No caso específico das minhas análises sobre os cypypastas, por questões de objetividade, me restrinjo ao apontamento explícito de apenas alguns desses aspectos compósitos: aos meios de circulação (comentários, retweets, retweets com comentários etc.); às especificidades da plataforma (que, no caso, é primariamente o Twitter – atual “X”); e, de maneira mais profunda, ao impacto e determinância do “algoritmo” (ou outros fatores “de trás das telas”) na produção de sentido e constituição do *tecnogênero* cypypasta. Mas, observo que, por exemplo, é por conta dessa necessidade que optei por apresentar os recortes analisados especificamente a partir de *prints*, em uma tentativa – não perfeita, explico o porquê no Capítulo 2 – de maior aproximação da sua materialidade digital compósita.

Mas, falando em *tecnogênero*, tratarei desta questão no tópico a seguir.

2.2.2 – Cypypastas: um *Tecnogênero*

Cypypastas são discursos digitais nativos na medida em que “nascem, crescem, vivem” (e morrem), primariamente, ali. Suas características – que desenvolvo neste trabalho – são intrinsecamente atreladas ao funcionamento e aspecto técnico do digital (como, já adianto: o compartilhamento em *spam*; a capacidade e necessidade de materialização languageira (ou não) em forma de caracteres (alfabéticos ou não) ou símbolos primariamente digitalmente circunscritos (como emojis); a cristalização em “bloco de texto”, que, por sua vez, é dependente do fator de *spam*, para que haja a significação como um cypypasta etc.). Apesar de que há casos – não discutidos neste trabalho, mas possíveis de análise e considerações futuras – em que cypypastas podem ser materializados fora do ambiente digital (como camisetas, adesivos ou epígrafes de TCCs impressos), só são assim circulados uma vez que já, necessariamente, se constituíram como cypypastas no ambiente digital.

Especificamente sobre a minha consideração de que se trata de um *tecnogênero*, considero que as especificidades que os constituem como tal são desenvolvidas ao longo deste trabalho, via as análises apresentadas. Porém, como forma de definição, Paveau considera o *tecnogênero do discurso* como:

[...] um gênero de discurso dotado de uma dimensão compósita, derivada de uma coconstituição do linguageiro e do tecnológico. O tecnogênero pode derivar de um gênero pertencente ao repertório pré-digital, mas que os ambientes digitais nativos dotam de características específicas (como o comentário on-line), ou constituir um gênero digital nativo, portanto, novo (como a tuitatura ou o artigo de imprensa na forma de antologia de links ou de tuítes). **O tecnogênero de discurso é, portanto, marcado por ou derivado da dimensão tecnológica do discurso, o que implica um funcionamento e propriedades particulares.** (Paveau, 2021, p. 328, grifo nosso).

Por agora, destaco novamente a característica compósita e a marca constitutiva do técnico no funcionamento dos cypastas, razões elaboradas extensivamente neste trabalho, mas que, adianto, são o que me fazem considerar este “fenômeno” digital como um tecnogênero de/do discurso.

Antes de partir para os capítulos de análise, trago mais uma citação de Paveau, especificamente sobre a natureza do capítulo do Dicionário em que define o que é o tecnogênero (como na citação anterior). Aquele capítulo,

Não se tratará mais [...] de tipologia com pretensão de exaustividade, dada a falta de trabalhos suficientes sobre os discursos digitais nativos, e porque a categoria do (tecno-)gênero está em constante evolução e invenção. Apresentam-se apenas alguns exemplos **a partir do critério de composição, integrando, pois, prioritariamente, a restrição tecnológica. A observação e o conhecimento empírico da internet e, mais particularmente, da web 2.0, permitem de fato pôr em relevo formas textuais recorrentes e instaladas na cultura discursiva digital, boas candidatas ao estatuto de tecnogênero de discurso.** (Paveau, 2021, p. 328, grifo nosso).

Ressalto mais uma vez a declarada prioridade da restrição tecnológica. Ainda assim, considero que o objetivo deste trabalho não é, necessariamente, provar se o cypasta é mesmo um tecnogênero. Do contrário, trata-se de uma aplicação “[da] observação e o conhecimento empírico da internet [que] permitem de fato pôr em relevo formas textuais recorrentes e instaladas na cultura discursiva digital [...]” (Paveau, 2021, p. 328), como destacado na citação anterior. Elaborando: todo o desenvolvimento da análise procura, primariamente, estabelecer os padrões de funcionamento na intenção de analisar como se dão os processos de significação nos recortes apresentados. Em outras palavras, considero uma questão de nuance: o foco é, portanto, não uma discussão e categorização ostensiva de um gênero discursivo, mas sim uma reflexão, um relevo, sobre como se dão as produções de sentido no

tecnogênero cospasta, isto é, procurando compreender o seu funcionamento discursivo.

Sigo agora para uma apresentação dos fundamentos teóricos da Análise do Discurso Materialista que ancoram este trabalho.

1.3 – O DIGITAL DA/NA ANÁLISE DO DISCURSO MATERIALISTA

Agora, já no segundo momento desta explicitação teórica, faço a seguir uma breve apresentação dos conceitos que vão balizar epistemologicamente minha reflexão sobre a análise do discurso digital. Trabalho esses conceitos de maneira não-extensiva uma vez que se trata de delimitações importantes que eu, como pesquisadora em formação, considero relevantes para que apareçam no meu trabalho – uma vez que fazem parte do meu processo de reflexão e problematização em relação a compreensão do funcionamento do digital.

1.3.1 – A noção de *Digitalidade* e *Corpografia*

Para definir a noção de *digitalidade*, aqui me aproprio primariamente das discussões e considerações feitas por Cristiane Dias em seu artigo “A Análise do Discurso Digital: um campo de questões” (2016). Especifico este ponto de partida, uma vez que considero que o movimento que Cris Dias faz neste texto é de, justamente, pôr em questão a Análise do Discurso que se propõe a analisar o digital – tomando questões similares, mas não através da mesma abordagem, do movimento feito por Paveau, em seu Dicionário.

No resumo do artigo, Dias, inclusive, destaca:

Este artigo tem como objetivo refletir sobre os desdobramentos epistemológicos produzidos pelo digital no campo da Análise de Discurso. Para tanto, levarei em conta alguns conceitos e noções que foram produzidas e/ou que tiveram desdobramentos teóricos na análise do discurso digital, na medida em que o digital se impõe como um campo de questões. (Dias, 2016, p. 8).

Considero, então, que a definição de noção de *digitalidade*, (e, mais adiante neste subtópico, de *corpografia*), assim como todo o movimento feito pela autora no

artigo, se traduz, neste trabalho, como uma boa passagem (ou baliza) das discussões e explicitações teóricas abordadas previamente em Paveau, indo, agora, para a AD materialista.

Quando Cristiane Dias (2016) apresenta a noção de *digitalidade*, ela também se apropria de noções definidas e trabalhadas por Paveau aqui nesta fundamentação, como as noções de *compósito*, e a importância do termo “tecno-” na composição das denominações conceituais.

Se tomarmos como exemplo o Twitter ou o Facebook, vemos que a inscrição do corpo na forma material do dizer dessas redes sociais se dá por meio de projeções de ícones, imagens, gifs, letras, links, hashtags, que constituem a “unidade de sentido” (Orlandi, 2001, p. 73) num “compósito heterogêneo”, como define Paveau (2015), produzindo uma estrutura digital do sentido, **por meio de uma digitalidade: aquilo que faz circular os conhecimentos armazenados na memória metálica. A digitalidade diz respeito, portanto, à circulação em diferentes formatos e dispositivos daquilo que está em estado digital.** (Dias, 2016, p. 13, grifo nosso).

Antes de tratar mais a fundo da noção de *digitalidade*, abro aqui uma “segunda guia” para apresentar outra noção trabalhada por Dias (2016) em concomitância neste artigo: aquela de *corpografia*.

Ainda no que se refere ao trabalho teórico da Análise de Discurso para dar conta do campo de questões em torno do digital, é possível apontar para a noção de corpografia elaborada por mim (DIAS, 2004, 2008, 2012) e a partir da qual busquei produzir uma compreensão da escrita no digital, levando em conta as tecnologias digitais e a maneira como esses dispositivos de arquivo, que se manifestam pela emergência de uma escrita “pressionada pela oralidade” (ROBIN, 1998), **produzem uma junção ao corpo na forma da letra, grafo, grafia, produzindo, com isso, a corpografia. O que chamei corpografia, é, portanto, essa textualização do corpo na letra, na tela, pelo afeto, produzindo uma escrita (e um corpo) afetada pelo digital.** (Dias, 2016, p. 12, grifo nosso).

E é através deste conceito da “textualização do corpo na letra, na tela”, que Dias elabora mais a fundo a noção de digitalidade, nos processos de significação cuja matéria que significa é o digital:

A noção de corpografia vai buscar compreender esses elementos novos que, hoje, fazem parte do cotidiano da escrita e da leitura e que, de modo amplo, como afirma Orlandi (2001, p. 80) reorganizam o

trabalho intelectual. Desse modo, a autora continua sua reflexão apontando para a necessidade de um deslocamento da concepção de textualidade em função das tecnologias digitais. É nesse âmbito que compreendo que a digitalidade pode contribuir, na medida em que se a textualidade diz respeito à tessitura dos elementos que formam um texto, que é considerado em Análise de Discurso como uma unidade imaginária significativa, composta por palavras e/ou imagens e/ou ícones e/ou sons etc, a digitalidade corresponderia a tudo isso, no digital. **A digitalidade é a unidade significativa correspondente a diferentes processos de significação cuja matéria significante é o digital.** (Dias, 2016, p. 14, grifo nosso).

Portanto, na mesma esteira em que Paveau trabalha com a ideia de que, na sua concepção de Análise do Discurso Digital (da ordem de uma mudança epistêmica), a Internet deve ser utilizada *como corpus* e não *para corpus*, Dias também concebe a noção de *digitalidade* como sendo da ordem do *como corpus*. Em outras palavras, “a digitalidade é a unidade significativa correspondente a diferentes processos de significação [...]” – estes aqui incluindo aqueles constituintes da noção de *corpografia*, isto é, a “textualização do corpo na letra, na tela, pelo afeto, produzindo uma escrita (e um corpo) afetada pelo digital” – “cuja matéria significante é o digital”. Elaborando com uma baliza das noções de Paveau: uma vez a Internet sendo “o *corpus*” – a matéria significante – a *digitalidade* constitui os processos de significação que ali se mobilizam/são mobilizados através da/na memória (metálica ou tecnodiscursiva). *Digitalidade* é uma noção da ordem da circulação, uma vez que trata dos diferentes formatos e dispositivos “daquilo que está em estado digital” que circulam.

Para Orlandi (1995, p. 111), texto é uma peça de linguagem. A autora afirma que uma palavra não significa em si mesma, “quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa”. **Nessa perspectiva, quando algo é significado pelo/no digital: uma palavra, uma imagem, um som, um ícone, mas também uma loja, um museu, uma biblioteca, uma cidade, um jornal, uma rádio, uma escola, uma universidade, um encontro, um casamento, uma terapia, um protesto, [um corypasta...] etc. é porque tem digitalidade.** Assim, dizemos, a digitalidade da palavra, que inclui o técnico e o languageiro, como trabalha Paveau (2015), mas também o histórico, ou seja, o discurso, é o que a torna um objeto tecno-linguístico e histórico. [...] **Aquilo que se constitui de uma montagem entre o técnico e o languageiro [natureza compósita], é o que produz o que estou chamando digitalidade.** Daí a importância de considerar a materialidade digital, que constitui a natureza tecno-linguística e histórica das formulações. (Dias, 2016, p. 14 e 16, grifo nosso, inserções em colchete nossas).

Passo, agora, ao conceito de *forma material*, de Eni Orlandi.

1.3.2 – A noção de *Forma Material*

Cristiane Dias trabalha, em seu artigo “e-Urbano: a forma material do eletrônico no urbano” (2011) com a noção de *forma material*, definida por Eni Orlandi (2007):

Para Orlandi (2007) a forma material “**se distingue da forma empírica e da forma abstrata. A forma abstrata seria essa que é simplesmente um elemento de uma rede, de um sistema. E a forma empírica é essa que você usa, ou seja, essa que corresponde já a uma realidade que já é resultado de um processo e a forma material é o processo, é a que está ali, é ela enquanto processo**”. Ao tratar da forma material é possível desmanchar a evidência, a transparência do sentido produzida pela relação imaginária com a linguagem e fazer aparecer “a materialidade do discurso”, ou seja, a relação da língua com a exterioridade que a constitui. (Dias, 2011, p. 12).

Considero importante enfatizar que *a forma material é o processo*, conforme afirma a autora acima, o que nos coloca num campo diferente de questões daqueles de natureza formal e/ou formalista. Isto é, justamente não levar em conta o processo da dupla materialidade linguística-histórica, ou seja, como diz a autora, não se separa forma e conteúdo de maneira estanque. Há uma imbricação material – conforme Suzy Lagazzi (2023) – que deve ser considerada para compreensão de qualquer material de análise.

As diferentes formas de memória acarretam diferenças no circuito constituição/formulação/circulação e também afetam a função-autor e o efeito leitor. Isto porque qualquer forma de memória tem uma relação necessária com a interpretação (e, conseqüentemente, com a ideologia.). **Aliada a questão da memória está o fato de que a forma material que é o texto mexe com a natureza da informação, produz efeitos sob o modo como ela funciona. A natureza do significante (diferentes linguagens) intervém na produção do objeto e este objeto, por sua vez, constitui o modo de significação deste gesto simbólico.** E o que é um texto? É uma unidade de significação em relação à situação. **Esta sua caracterização pode ser mantida, mas certamente a textualidade, sua forma material, sua relação com a memória e com as condições de produção diferem quando difere sua materialidade significante.** (Orlandi, 2006, p. 5).

Adianto aqui, conforme elaboro ao longo deste TCC, a relação da importância do “bloco de texto” para a constituição dos sentidos do/nos cospastas. Esse funcionamento está bastante relacionado com a noção de forma material, no sentido de que o texto é uma forma material, e, portanto, quando trabalho com o efeito de bloco de texto nos cospastas, é isto que estou levando em consideração.

1.3.3 – A Materialidade Técnica

Introduzo a noção de *materialidade técnica* traçando, mais uma vez, um diálogo com as noções de Paveau trabalhadas anteriormente. Paveau explicita o aspecto técnico na produção de sentido no ambiente digital, dizendo como há nele/atraves dele uma relação de co-enunciação entre sujeito e técnico na enunciação (produção discursiva) do/no digital.

Nesse sentido, vale retomar Orlandi (2007), que fala da relação entre a materialidade e as formas de significação e circulação dos sentidos – conforme mudam as materialidades, o mesmo segue para as formas de significar. Trazendo o enfoque para o digital, podemos considerar como as características de funcionamento técnico de uma plataforma ou rede social específica determinam quais são os conteúdos (ou *tipos* de conteúdo) que ali podem circular, através das delimitações técnicas que são impostas à sua formulação através das possibilidades de “compartilhamento” ou “interação” – aqui no coloquial do “internetês” – entre seus sujeitos-usuários. Por exemplo, na rede social TikTok, cujo “modo primário” de funcionamento é baseado no compartilhamento e circulação de vídeos curtos, os processos de produção de sentido estão “limitados” à lógica de funcionamento técnico que constitui o funcionamento da plataforma – isto é, vídeos curtos, por exemplo. Em outras palavras, não é possível fazer um *tweet* – postagem primariamente em forma de texto, até 240 caracteres – no TikTok.

Pequeno (2020), trabalha com a *materialidade técnica* como uma criação e expressão do sujeito que, por sua vez, determina as formas como esses mesmos sujeitos são inscritos/se inscrevem nos discursos, fazendo produzir e circular os sentidos. Em outras palavras, esse conceito interpela os sujeitos na medida em que, ainda seguindo a lógica da determinação do aspecto material na produção de sentidos – ela (a materialidade técnica) agora *especificada* como *técnica* – ou seja, tratando

das características *técnicas*, da máquina etc. – determina diretamente os discursos que podem/são constituídos nas formas de interlocução entre os usuários.

Dito de outro modo, Pequeno (2020) define a *materialidade técnica* como uma instância que atua (determinando) diretamente tanto na/a dimensão da produção (aqui sendo a constituição e formulação) quanto na/a dimensão da circulação dos discursos. É, assim, um elemento fundamental na relação entre a tecnologia, a linguagem e a memória.

1.3.4 – *Materialidade Significante, Imbricação e Composição Material*

Suzy Lagazzi (2023) trata da noção de imbricação material para dar conta de trabalhar com aquilo que ela descreve como “materialidades significantes em composição”. A autora afirma o seguinte:

Cada vez mais o dispositivo teórico-analítico discursivo vem sendo mobilizado em análises de objetos simbólicos que se constituem a partir de uma “**composição material**”, apresentando “**diferentes materialidades significantes em imbricação**”. (Lagazzi, 2009, p. 68). Nessas composições materiais, sejam produções audiovisuais, fotografias, ilustrações, quadrinhos, revistas, grafites, arte-instalações, apresentações musicais, dança, teatro, vlogs e blogs...as diferentes materialidades significantes se relacionam pela contradição, na incompletude linguageira que as constitui, afetando-se uma pela(s) outra(s). **O olhar em composição com a música; o traço em composição com as cores e a luminosidade; o corpo em composição com o ritmo, a gestualidade e o espaço...Diferentes materialidades significantes compostas em imbricação.** (Lagazzi, 2023, p. 317).

E destaque para o aspecto de *composição*, que não é correspondente àquele de *complementaridade*:

Um primeiro ponto foi afirmar que **quando falo de imbricação material não se trata de complementaridade, que não se trata de termos materialidades significantes que se complementam, mas sim materialidades significantes em composição, que se entrelaçam na contradição, “cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra”**. Esta formulação me parece conseqüente e imprime movimento à imbricação. **Imbricar pode ser compreendido, então, como compor no movimento da incompletude e da contradição. Uma materialidade significativa remete a outra e a falha que as estrutura demanda rearranjos, assim como a não-**

saturação que constitui a interpretação permite que novos sentidos sejam reclamados. Nesse movimento da incompletude e da contradição, considerar as especificidades de cada materialidade fica como outro desafio a ser enfrentado. (Lagazzi, 2012, sem página).

Arrisco dizer que nos cypastas há uma imbricação do verbal, visual e técnico. Isso pode ser observado, por exemplo, no cypasta *O Retorno do Rei*, conforme a Figura 3, apresentada no Capítulo 2 deste TCC.

1.4 – MEMÓRIA DISCURSIVA, METÁLICA E TECNODISCURSIVA

Finalizo este capítulo de fundamentação teórica – tanto da perspectiva de Paveau em seu Dicionário quanto da retomada da AD Materialista – trazendo a definição do conceito de *memória* (discursiva, metálica e tecnodiscursiva) para a Análise do Discurso. Escolho trabalhar com as três noções em um mesmo tópico devido às suas relações intrínsecas – mas com nuances diferentes – umas às outras. Quando falamos em *memória metálica* e *memória tecnodiscursiva*, por exemplo, não estamos falando de conceitos completamente distintos daquele de *memória discursiva* – elas não são “outro tipo” de *memória*, e sim nomeações referentes a diferentes *funcionamentos* da memória. Esses diferentes funcionamentos, por sua vez, demandam diferentes “processos analíticos”, que correspondem à consideração dessas diferentes características de funcionamento no processo de significação dos discursos. Portanto, nesta apresentação, inicio minha abordagem com o conceito de memória discursiva, depois memória metálica e, finalmente, memória tecnodiscursiva.

O conceito de *memória discursiva* é um dos pilares que constituem e trazem consistência ao aparato teórico da Análise do Discurso. Quando, em AD, falamos em *memória*, nos referimos à conceitualização de que o sentido produzido nas palavras vem de um processo histórico e social que perpassa a produção linguageira / da linguagem. Desse modo, consideramos que “os discursos resultam de processos de significação que se fazem pela linguagem” (Fernandes, 2020, p. 207) e que apresentam, portanto, “uma memória que recupera do interdiscurso os dizeres que já foram ditos antes, em outro lugar e independente deste dizer que é atualizado no momento da enunciação” (Fernandes, 2020, p. 207). Carolina Fernandes (2020), em seu verbete para a nova edição do “Glossário de Termos do Discurso”, retoma a

definição de memória discursiva da edição de 2001 do mesmo livro, que diz que a *memória discursiva* é:

Possibilidades de dizeres que se atualizam no momento da enunciação, como efeito de um esquecimento correspondente a um processo de deslocamento da memória como virtualidade de significações. A memória discursiva faz parte de um processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos (MARIANI, 1996). Courtine e Haroche (1994) afirmam que a linguagem é o tecido da memória. Há uma memória inerente à linguagem, e os processos discursivos são responsáveis por fazer emergir o que, em uma memória coletiva, é característico de um determinado processo histórico. Orlandi (1993) diz que o sujeito toma como suas as palavras de uma voz anônima que se produz no interdiscurso, apropriando-se da memória que se manifestará de diferentes formas em discursos distintos. (Glossário de Termos do Discurso, Gráfica da UFRGS, 2001, p. 20 apud Fernandes, 2020, p. 207).

Em outras palavras, tudo que é *dito*, é dito de maneira a “repetir” (retomar) e, ao mesmo tempo, atualizar os *já ditos* anteriores, que são constituídos sócio-historicamente, e materializados no discurso. Esses *já ditos* (recuperados e atualizados no *dizer*), são – ressaltado, de maneira bastante simplificada – a apropriação da *memória discursiva*. Uma memória que *não* é equivalente àquela do coloquial referente a palavra: por exemplo, aquela memória de se “lembrar” de algo, ou ter a boa (ou ruim) capacidade/habilidade de recordar fatos, datas, eventos, entre outros. Não, pelo contrário:

A noção de memória discursiva, portanto, não se confunde com a de memória psicológica ou cronológica que conduz à recordação de fatos ocorridos no passado. De acordo com Pêcheux ([1983] 1999), **ela não é nem individual nem um produto da coletividade ou do historiador, mas seria aquilo que, diante de um texto a ser lido, “vem restabelecer os ‘implícitos’** (quer dizer mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, [1983] 1999, p. 52). (Pêcheux, [1983] 1999, p. 52 apud Fernandes, 2020, p. 207-208).

Quando Eni Orlandi (2006) trabalha com o conceito de memória metálica, o *dizer* que retoma o *já dito* agora é produzido não pelo atravessamento da “memória sócio-histórica” (discursiva), e sim, da memória da máquina – e por isso, metálica:

E temos, enfim, a memória metálica, ou seja, a produzida pela mídia, pelas novas tecnologias de linguagem. **A memória da máquina, da circulação, que não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico (televisão, computador etc.). Sua particularidade é ser horizontal (e não vertical, como a define Courtine), não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo:** o que foi dito aqui e ali e mais além vai-se juntando como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma. **Quantidade e não historicidade.** (Orlandi, 2006, p. 5, grifo nosso).

A grande questão atrelada aos processos de significação que se apropriam da memória metálica, é o efeito (apenas aparente) de “neutralidade”, de “transparência”, que a memória da máquina traz aos enunciados inscritos e produzidos do/no ambiente digital. Em seu artigo, “A Análise do Discurso Digital: um campo de questões”, Cristiane Dias (2016), ressalta justamente isso:

Essa é certamente uma questão que se coloca com o digital, **cujos efeitos de sentido produzidos pelo seu modo de inscrição histórica são os da eficácia e transparência técnica que o significa como algo que não falha. Daí a noção de memória metálica, cunhada em 1996 por Eni Orlandi para dar conta teoricamente de problematizar essa ilusão da memória infalível da informatização dos arquivos** que, segundo a autora, reduz “o saber discursivo a um pacote de informações, ideologicamente transparentes” (ORLANDI, 1996, p.16). **Essa ilusão de memória infalível (a metálica) é produzida por uma evidência técnica de que a tecnologia não falha e de que suas possibilidades físicas são inesgotáveis.** (Dias, 2016, p. 12, grifo nosso).

No verbete de *memória tecnodiscursiva*, do Dicionário das Formas e das Práticas, Paveau (2021) traz um subtópico que trata somente do conceito de *memória metálica*, de Eni Orlandi. Destaco este detalhe, pois considero interessante a constatação feita por Paveau sobre esse conceito: “De fato, a memória metálica é uma pseudo-memória, pois sua existência é definida de maneira tautológica pela sua circulação, e não pela historicidade de uma experiência” (Paveau, 2021, p. 275). E segue citando Cristiane Dias, que cita Orlandi:

A memória metálica funciona “como se ela fosse memória” (Orlandi 2004, p. 26-27). É uma ilusão de memória, que só acumula o sentido sem historicizá-lo. **O aspecto mais corrente da viralidade é a circulação. Ora, quando um dizer circula na materialidade digital, ele significa pelo simples fato de que circula. Eis porque a memória metálica implica uma evidência do sentido e uma transparência do sujeito,** pois o processo de significação é

controlado pela existência técnica do enunciado e de todas as possibilidades de links que esta última pode engendrar, como os *posts* mais compartilhados ou os *trending topics*, por exemplo (Dias, 2015, p. 11 apud Paveau, 2021, p. 275).

Então, considerando que “quando um dizer circula na materialidade digital, ele significa pelo simples fato de que circula”, adianto que é essa característica que estou considerando quando trabalho com os aspectos de circulação em spam do funcionamento dos corypastas. Corypastas, de maneira mais exacerbada e até absurda, significam através de suas cristalizações em “bloco de texto”, pelo/no spam. O efeito de sentido resultante é de *nonsense*, em que seus aspectos constitutivos são “ignorados” e somente aqueles da ordem da formulação (especificamente o efeito de “bloco”) e da circulação (em spam). Os corypastas significam pelo simples fato de que circulam (e muito).

Seguindo, Paveau (2021) introduz o conceito de *memória tecnodiscursiva* traçando, primeiro, um panorama teórico de conceitualizações da noção de *memória* em diferentes disciplinas, considerando os universos digitais. Imediatamente antes de definir o conceito da *tecnodiscursiva*, a autora faz uma elaboração acerca da *memória metálica* de Eni Orlandi, que, curiosamente, é de onde parte para elaborar o conceito da memória cujo funcionamento é implicado pelo “tecno-”: “Nos universos digitais, a memória discursiva é reconfigurada essencialmente para que a circulação dos discursos tome formas particulares implicadas pela dimensão técnica” (Paveau, 2021, p. 276). Diferentemente da memória *metálica* – que é a da máquina, da quantidade, e não da historicidade; e que foi pensada “em meados dos anos 1990 [...] a partir do computador, e não da Internet; a partir do aparelho, e não da conectividade” (Paveau, 2021, p. 276) – a memória *tecnodiscursiva* seria a “memória metálica re-subjetivada pelos procedimentos de redocumentarização que introduzem, ao mesmo tempo, a reflexividade e a historicidade” (Paveau, 2021, p. 276). A autora a define assim:

A memória tecnodiscursiva é uma memória desenvolvida em universos conectados, que amplia as capacidades da memória discursiva não equipada digitalmente, produz arquivos nativos inéditos em formas digitais nativas, ordena parcialmente a massa de dados discursivos online e constitui linhagens discursivas e formulações prévias para a elaboração dos discursos. Ela se baseia em certos traços tecnodiscursivos específicos: a investigabilidade do discurso, a plurissemiotividade dos dados e sua imprevisibilidade [e;] ativa três grandes processos: a delinearização, a memorialização e a contextualização reflexiva. **Ela se encarna em**

certo número de formas languageiras privilegiadas. (Paveau, 2021, p. 267 e 277).

Feitas todas essas considerações e explicitações teóricas, passo agora para a análise “em camadas”, mencionada na Introdução, começando com as problematizações iniciais sobre o meu objeto, os cypastas, a partir das noções de constituição, formulação e circulação, de Eni Orlandi (2022).

2 – A PROBLEMATIZAÇÃO INICIAL: O QUE É UM COPYPASTA?

Neste capítulo, apresento a “primeira camada” – ou a problematização inicial – do funcionamento dos corypastas. Trata-se do capítulo referente, principalmente, às observações baseadas na AD (Orlandi, 2022), iniciadas no trabalho em grupo da disciplina Linguagem e Discurso, em 2022. Essas são observações iniciais, que atuam como descrições gerais do funcionamento e, ao mesmo tempo, como pontapé inicial para constatações futuras, oriundas principalmente da passagem do tempo, referentes às observações do funcionamento dos corypastas nos períodos subsequentes de 2023 e 2024.

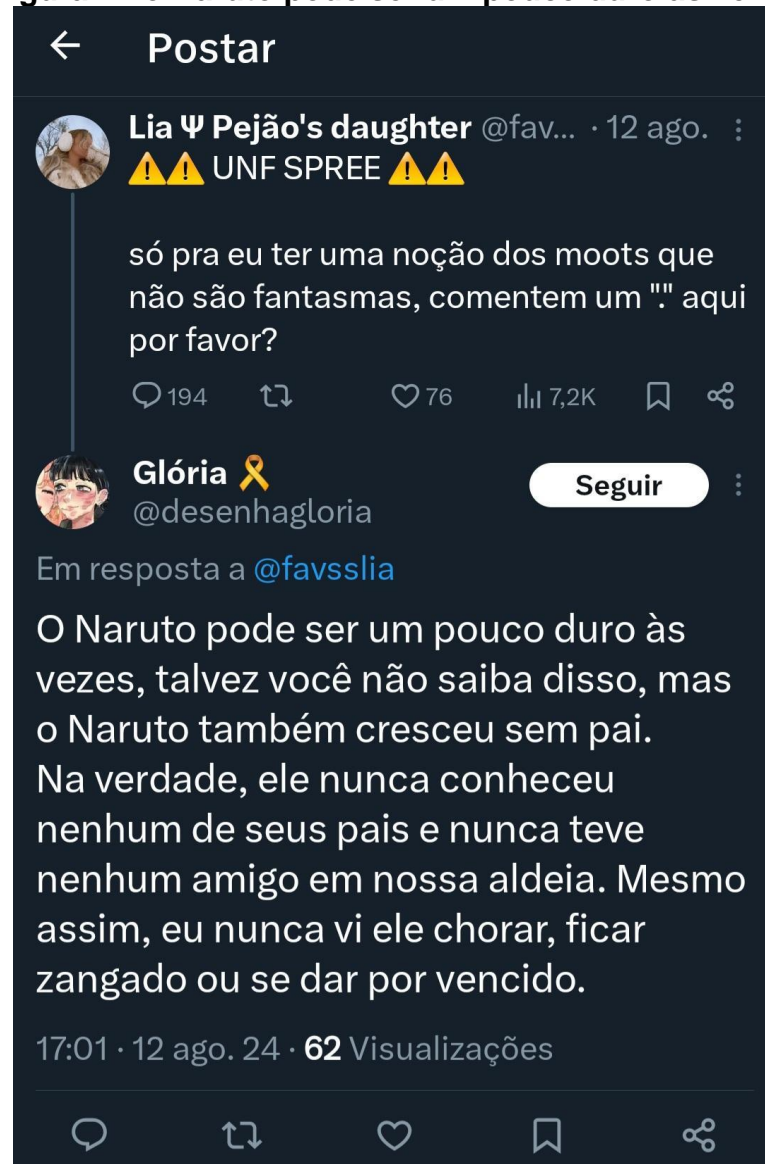
Antes de partir para a apresentação do capítulo propriamente dito, faço uma observação: escrevo este trecho – especificamente a partir do Tópico 2.2 – na primeira pessoa do plural, em consideração aos colegas que também participaram desta análise inicial e cujas reflexões – assim como outras contribuições extremamente significativas – consolidaram minhas próprias análises durante a escrita deste mesmo trabalho em grupo em 2022, assim como, principalmente, permitiram que minhas análises subsequentes em 2023 e 2024 tivessem, já de início, um ponto de partida bem consolidado.

Sendo assim, como problematização inicial, em 2022, buscamos responder, a partir dos conceitos de constituição, formulação e circulação, o que é um corypasta.

2.1 – COPYPASTAS: UM CASO À PARTE

Antes de iniciar qualquer definição e/ou introdução mais detalhada do que é, afinal, um corypasta, apresento na página a seguir – propositadamente sem quaisquer contextualizações – um exemplo:

Figura 1 - o Naruto pode ser um pouco duro às vezes



Fonte:

<https://x.com/desenhagloria/status/1823087435070484927?t=ACncbMoJTr6ngzPohj6YwA&s=19>

E, então, um parênteses: cospastas não são nem só *meme*, nem só *viral*.

2.1.1 – Nem só *meme*, nem só *viral*

Se sequer há um exemplo particularmente notável de “tipo” de discurso nativo digital – aqui na acepção de Paveau – dentre as inúmeras opções, incluindo a de tweets, tuitatura, posts de modo geral, comentários, hiperlinks, hashtags etc. talvez, o *meme* seja uma das mais emblemáticas.

No Dicionário das Formas e das Práticas, especificamente no verbete em que a autora define o conceito de *tecnografismo* – “uma produção semiótica que associa texto e imagem num compósito nativo da internet” (Paveau, 2021, p. 333) –, ela descreve a constituição de um meme como sendo

constituído de uma fotografia com um texto embutido, [em que] separar a ordem icônica da ordem textual significa destruir o conjunto: o sentido só se produz no compósito formado por uma única ordem verbo-icônica (o tecnografismo), e não na articulação de duas ordens que dialogam a partir de suas autonomias respectivas (como é o caso da fotografia e sua legenda, ou da pintura e do seu título).” (Paveau, 2021, p. 333-334).

Adiante em uma subseção deste mesmo verbete, ela expande a definição dos “memes da internet” como sendo “em sentido geral, elementos culturais transmitidos por replicação e transformação, como os genes que se transmitem biologicamente” (Paveau, pg. 348). Em seguida, cita uma definição de Clément Renault:

[os memes são] mensagens curtas cômicas feitas de texto, imagem, vídeo ou sons que ganham rapidamente forte popularidade na Internet, sendo nela partilhados, comentados e, em seguida, transformados durante sua difusão (Renaud, 2014, p. 49, citado por Gautier, Siouffi, 2016, p. 12-13 apud Paveau, 2021, p. 349).

E adiciona, relativo a imediata constatação de que memes não se trata somente de associações texto-imagem em compósito da internet:

Nem todos os memes da internet são, portanto, tecnografismos. O conjunto [de memes] forma uma cultura específica da internet, geralmente designada como subcultura, cultura popular ou cultura pop (Konstantine-as, Vlachos, 2012). (Paveau, 2021, p. 349).

Memes são nativos digitais. Não são apenas “compartilhados”, mas, sim, reapropriados pelos usuários, de modo que seu conteúdo (textual, imagético, compósito etc.) é parodiado, re combinado e/ou remixado antes de ser passado adiante. Estes não são conteúdos individuais e isolados, mas compósitos que só encontram significação em conjunto, na sua reapropriação e recombinação, que são assim sucessivamente “espalhados”.

Quando um enunciado (sendo esse um tecnografismo ou não) sozinho é disseminado (através dos aparatos técnicos do compósito digital, como, por exemplo,

por via de “retweets⁶”), ele, na verdade, não é um meme – mas, sim, um viral. Em outras palavras, todo meme possui, em seu processo de significação, uma instância de viralidade – transformando-se na sua difusão – mas, nem todo viral é um meme. Esses últimos, muitas vezes, trata-se apenas de enunciados “populares”, que ganharam “visibilidade” de acordo com padrões algorítmicos arbitrários de difusão de conteúdos (e discursos) no digital.

Retorno do parênteses explicitando que trouxe essas especificidades por conta da associação – inevitável, devido aos seus processos de significação – entre os cypastas, memes, e, de maneira adjacente, virais. De modo um tanto reducionista, e, definitivamente, coloquial, pode-se dizer que cypastas são “tipos” de memes: além de tecnografismos compósitos de texto-imagem, vídeo, sons etc. memes (que necessariamente circulam em/devido a instâncias de viralidade) podem assumir a forma de, exclusivamente, texto – ou, melhor dizendo, enunciados compósitos materialmente apenas por caracteres “digitáveis”. Uma das possíveis iterações de memes “em texto”, são os cypastas.

Semelhante aos memes, cypastas têm na sua significação – a partir dos gestos de interpretação – o efeito de humor. Se constituem e, ao mesmo tempo, formam um/em algum aspecto de cultura/subcultura da internet – mobilizando uma memória discursiva já regionalizada. Nela, são partilhados e, em seguida, transformados durante sua difusão. Porém, diferentemente de outros “tipos” de memes mais “tradicionais” (materializados em tecnografismos ou não), cypastas possuem algumas singularidades: são, necessariamente, blocos de texto copiados e colados, mantendo sua forma “bruta” estável, cristalizada e “em bloco”, com mínimas alterações ao longo de sua difusão.

O nome “cypasta”, por exemplo, corresponde diretamente à restrição técnica que constitui seu funcionamento (e produção de sentido): é a junção dos *verbos* “copy” (copiar) e “paste” (colar), do inglês, e remete diretamente à ação de, literalmente,

⁶ No antigo Twitter (atual “X”) *retweet* era o nome oficial para a forma de compartilhar *tweets* (postagens) de outras pessoas / outros usuários no seu perfil, de modo que o conteúdo do tweet “retuitado” é compartilhado para os seguidores daquele usuário que *retuitou*. É possível fazer retweets com comentários (popularmente referidos como “quotweets”) ou mantê-los em sua forma “limpa”, sem comentários ou outras informações adicionais. Porém, nesses casos de retweets sem outros comentários, os seguidores do usuário que retuitou o tweet original são avisados (através de marcadores visuais) que aquela publicação se trata de um “retweet de fulano”. Em todas as suas formas, retweets mantém a informação de nome de perfil e usuário do autor original do tweet retweetado. Atualmente, no “X”, *tweets* são chamados de *posts*, *retweets* de *reposts*, e *quotweets* de *reposts com comentário* ou simplesmente *quotes*.

copiar e colar (cntrl+c, cntrl+v) uma sequência de caracteres na internet, a depender do funcionamento da plataforma. É interessante notar também que o *nome* “cospypasta” se mantém estável, denominando o fenômeno independente da língua praticada por um internauta.

Essas singularidades distintivas dos cospypastas os impedem de serem considerados apenas como uma mera subcategoria dos “memes”: todo cospypasta é um *meme*, mas nem todo *meme* é um cospypasta. Assim como todo cospypasta é viral, mas nem todo viral é um cospypasta. Seus aspectos de circulação e formulação e, conseqüentemente, seus efeitos de sentido são singulares o suficiente para uma diferenciação – e, mais importantemente, uma análise a fundo. Todas essas singularidades serão discutidas extensivamente ao longo deste trabalho, mas vale aqui, em um primeiro momento, ressaltar a última: nos cospypastas, diferentemente de memes e/ou virais, seu sentido está inteiramente e indissociavelmente ligado ao fato de que um cospypasta **é** um cospypasta.

A sua significação não está exclusivamente no texto, nem no contexto, nem mesmo na intertextualidade. Trata-se de, necessariamente, um bloco de texto cujo sentido está associado ao seu bloco digitalmente materializado – e não a um suposto “conteúdo” em si que carrega. O “humor” – característica também prevalente nos cospypastas – está no bloco de texto que é, por seus conhecedores, imediatamente identificado como um cospypasta, ou seja, a formulação é determinante. Em outras palavras, o “conhecimento prévio” de que um “bloco” de texto se trata de um cospypasta – e/ou possui a capacidade de se tornar um cospypasta – é o que faz dele um enunciado compartilhável e humorístico. Sem essa memória, um sujeito que entra em contato com um cospypasta provavelmente não o “entenderá”, e, se “entender”, sua compreensão estará associada somente aos aspectos de sentido literal – ou seja, linguageiro e logocêntrico – daquilo que está sendo exclusivamente expresso pela materialidade textual do enunciado.

Em algumas situações, o absurdismo característico desse tecnôgenero, pensando o seu funcionamento discursivo, em conjunto com a mobilização da memória discursiva, assim como outros aspectos específicos na sua constituição, já são suficientes para causar uma “reação de humor” em um leitor e, assim, de certa forma, significarem. Porém, não é só isso que constitui os sentidos associados ao processo de significação de uma cospypasta. Pelo contrário, um texto “engraçado”, à primeira leitura, pode ser só isso: um texto engraçado. Esse, por sua vez, a depender

da circulação, pode reconstituir-se em um meme, ou, então, espalhar-se como um viral.

Para significar como um cypasta, porém, precisa, necessariamente, ser identificado como tal e, a partir disso, circular, “em blocos”, e em forma de spam. Portanto: cypastas são blocos de texto que possuem formato/formulação praticamente fixo/a, e, como característica definidora, um material textual que não é feito para ser lido, mas sim, imediatamente identificado já nas primeiras palavras e, depois, compartilhado em forma de *spam* pelas diversas plataformas da internet. Elaboramos estes aspectos adiante no texto.

2.2 – CONSTITUIÇÃO, FORMULAÇÃO E CIRCULAÇÃO

Feito o parênteses, trabalho agora com a introdução, neste capítulo adiante, de uma observação geral do funcionamento discursivo e construção de sentido naquilo que, para fins “didáticos”, considero como cypastas “prototípicos” – isto é, cuja circulação já é bastante cristalizada e, portanto, são mais amplamente identificáveis como “exemplares” deste tecnônero.

Porém, antes de prosseguir para as análises propriamente ditas, faço uma ressalva importante: na fundamentação teórica, destaquei a importância da noção de *compósito*, assim como aquela de *corpus ecológico* – de Paveau (2021) – para a base teórica deste trabalho. Porém, devido à situação inesperada da suspensão do funcionamento da plataforma Twitter (atual “X”), no final de agosto de 2024 – e que, no momento de escrita deste trabalho, continua suspenso –, assim como a ausência de conhecimento teórico durante a escrita do trabalho de 2022 – que, por sua vez, compõe tanto parte significativa da análise quanto, conseqüentemente, do corpus deste trabalho –, os recortes apresentados neste TCC não correspondem, pelo menos não totalmente, com os precedentes necessários apontados por Paveau (2021). Isto é, trata-se apenas de prints que, infelizmente, muitas vezes excluem informações de data de postagem, horário em que foi feita a foto, ausência de especificidade de dispositivo, falta de explicitude dos aparatos “interacionais” das plataformas (como comentários, curtidas etc.), entre muitos outros. Ressalto que, nas análises aqui feitas, tanto neste início quanto em capítulos adiante, nunca deixei de considerar esses aspectos nas afirmações, descrições de funcionamento, “hipóteses” e conclusões aqui

apresentadas. Porém, entendo que são constatações que não são devidamente acompanhadas de recortes que melhor aproximam esses funcionamentos.

Essas são deficiências que planejava corrigir antes da finalização deste trabalho, porém, devido a circunstâncias externas já mencionadas, não pude fazer os devidos ajustes a tempo do prazo de entrega e defesa deste TCC. Mas, adianto, que em trabalhos futuros, uma construção própria de corpus deve incluir, por exemplo, gravações de tela explicitando os passos traçados para cada uma das “interações” trabalhadas, explicitude de dispositivos e “perfil de usuário” (ou ausência dele) a partir dos quais os recortes foram coletados etc.

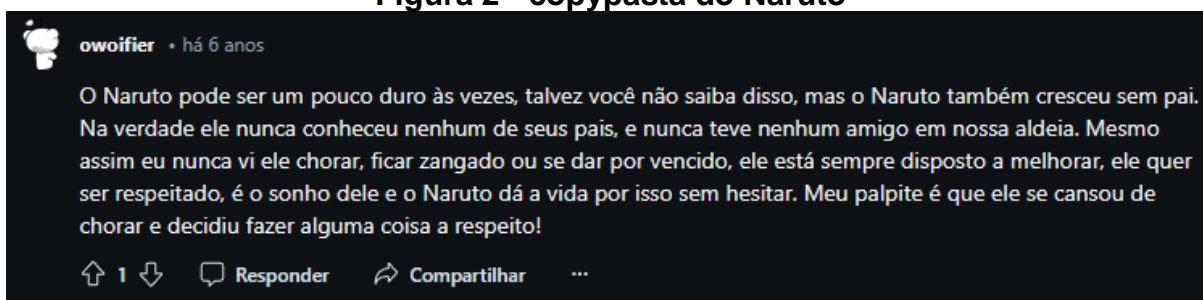
Feitas essas ressalvas, sigo para a introdução do funcionamento discursivo. É aqui também que, em respeito à contribuição de meus colegas de grupo à análise de 2022, escrevo o texto usando a primeira pessoa do plural.

2.2.1 – Uma apresentação inicial: cypastas e os gestos de interpretação

Nesta seção, introduzimos quatro recortes de cypastas que serviram de base para as análises iniciais. Aqui, fazemos uma breve contextualização e descrição de cada um deles, com inclusão de informações contextuais que ajudam na compreensão da produção de sentidos e funcionamento de cada um, mas sem grandes aprofundamentos de ordem teórica.

Apresentamos, então, uma breve análise de um cypasta específico – o “cypasta do Naruto”:

Figura 2 - cypasta do Naruto



Fonte:

https://www.reddit.com/r/cypasta/comments/atsjd3/comment/eh374rm/?utm_source=share&utm_medium=web3x&utm_name=web3xcss&utm_term=1&utm_content=share_button

“Naruto” é o protagonista do anime (animação japonesa) e mangá (quadrinhos japoneses) de mesmo nome, escrito e ilustrado por Masashi Kishimoto. Ambas as versões acompanham a história de Naruto Uzumaki, um jovem ninja à procura de reconhecimento, e que sonha em se tornar o “Hokage” (火影; literalmente “Sombra do Fogo”) – ou seja, o líder político de sua aldeia.

O Naruto é um exemplo emblemático – que beira o canônico – de um personagem que moldou e impactou a infância de uma geração inteira de brasileiros. Entre 2007 e 2011, o anime *Naruto*, com cerca de 220 episódios, foi exibido na TV aberta, especificamente no SBT, dublado em português brasileiro, durante a mesma programação que apresentou às crianças brasileiras os amados personagens de As Meninas Superpoderosas, Scooby Doo, Ben 10 etc.

Como mídia, Naruto mantém uma legião de fãs até hoje – e não por coincidência: é um personagem visualmente bastante identificável, cuja história conta com personagens secundários, vilões e até mesmo figurantes igualmente emblemáticos e bem desenvolvidos. A temática é divertida (é, afinal, uma história sobre ninjas), as cenas de batalhas são icônicas e, como trama narrativa, é, ao mesmo tempo, engraçada e emotiva. É assistido e lembrado por todas as idades, todos os gêneros, todas as nacionalidades – principalmente considerando que trata de temas universais como a importância de amigos, justiça e força para superar situações difíceis. Mas, mesmo com todas essas características, o Naruto é um ninja. Não um *coach*.

Em termos de construção de sentido, com enfoque aqui no aspecto linguageiro da formulação, a primeira coisa que chama a atenção relativo a esse cospasta, em específico, é, justamente, a semelhança do texto com enunciados do domínio daqueles de “coach”, mobilizando uma memória discursiva de discursos motivacionais e/ou meritocráticos. Essa caracterização gera um certo desencontro com alguns sujeitos que, nos gestos de interpretação que aí se constituem, traz um confronto de/nos sentidos: o texto do cospasta, mesmo que superficialmente “coerente” com as dificuldades enfrentadas pelo personagem, chega a ser “reducionista” com o desenvolvimento de Naruto como personagem, assim como *Naruto* como trama. Esse confronto, por sua vez, é *constituidor* dos sentidos.

Em outras palavras, a disputa de sentido ocorre na medida em que, os sujeitos-usuários – que, devido ao funcionamento do digital, tornam-se *escreitores* – através

de um gesto interpretativo de “discordância” ou, melhor dizendo, de não-identificação com o discurso que ali significa, reescrevem o sentido através da cópia e colagem do texto, configurando uma ironia do discurso meritocrático.

Destaco este aspecto da disputa de sentidos que se constitui através do *copy-pasta do Naruto* uma vez que entendemos que a percepção de toda a composição interdiscursiva merece ser preservada ao se pensar como a leitura dos textos dispara a cadeia inter-relacional dos sujeitos para que um enunciado tenha visibilidade – e outro não. O “como” as redes constroem adesão dos/aos conteúdos, é um fator que está, à primeira análise da influência algorítmica, intrinsecamente relacionado com o “juízo avaliativo” – ou, melhor dizendo, aos gestos de interpretação – das comunidades por onde esses enunciados circulam (ou não circulam). Esse fator é corroborado pelas análises de Robert Topinka (2022), no seu artigo “The Politics of Anti-Discourse: Copy-pasta, the Alt-Right, and the Rhetoric of Form” (em tradução livre: A Política do Anti-Discurso: Copy-pasta, a Extrema Direita e a Retórica da Forma). Trabalhado no Capítulo 5 deste TCC, o autor descreve como uma hashtag antirracista, através de um processo de “copy paste” – num gesto interpretativo de sujeitos-usuários do fórum 4chan⁷ – se tornou um copy-pasta de apologia nazista.

Quanto a disputa de sentido no copy-pasta do Naruto, trabalharemos, adiante neste capítulo, sobre como o gesto de interpretação (de não-identificação) com o discurso “meritocrático” presente no copy-pasta faz parte da sua constituição inicial de sentido – que, por sua vez, origina o movimento de spam que, depois, ressignifica o enunciado como um copy-pasta.

Antes disso, porém, apresentamos, na página a seguir, um exemplo de um recorte deste tecnogênero cujos efeitos de sentido marcam uma tomada de posição dos sujeitos em seus gestos de interpretação, determinando as relações de compartilhamento desta formulação como um copy-pasta.

⁷ 4chan é um fórum de discussão online, criado em 2003, com usuários de grande maioria masculina e cujos formatos de publicação incluem a possibilidade de publicar textos e imagens anonimamente – no sentido de que não é necessário se cadastrar ou criar um “perfil” no site para fazer uma postagem em seus “message boards”. Apesar de ser a fonte de muitos memes extremamente populares ao redor da internet, também é conhecido por suas – entre muitas outras – “controvérsias”: como a ampla circulação de pornografia infantil; promoção da misoginia, racismo, homofobia e nazismo; incitação ao ódio generalizado; envolvimento e organização de vários eventos anti-democráticos – como o golpe ao capítólio, nos EUA, em 6 de janeiro de 2021 – ou terroristas – como em mais de um atentado armado à escolas nos Estados Unidos, etc.

Rei acompanha a construção imagética do rosto de Lula, através de, especificamente, caracteres de pontuação – técnica conhecida online como “ASCII art”⁸. Além disso, seu texto é, praticamente, “ilegível” – ou, talvez, “irreproduzível” (oralmente e/ou fora do suporte técnico digital) – uma vez que grande parte da sua composição linguageira é feita por *hashtags* repetidas, *emojis* e o texto em ASCII art.

Em *O Retorno do Rei*, porém, a produção do sentido de ironia e sátira não está atrelada a um movimento de copiar e colar um enunciado específico já existente – movimento que em si constitui a significação irônica, como no caso do *copy-pasta do Naruto*. O copiar e colar ainda é constitutivo – e ainda é o que faz esse enunciado, uma vez cristalizado, significar como um *copy-pasta*. Mas aqui, do contrário, consideramos que o gesto interpretativo constitutivo da disputa de sentidos também está presente no momento de *reescrita* do *copy-pasta* com essa forma em bloco de texto aqui apresentada. Isto é, um sujeito usuário que – ironicamente ou não, é impossível saber – replica o discurso da extrema direita bolsonarista através da adaptação de seus aspectos textuais, linguageiros, lexicais etc. mas agora, com o seu oposto político-ideológico: a figura de Lula.

Ressaltamos que o movimento de copiar e colar (o bloco de texto) ainda é constitutivo do sentido neste caso, uma vez que, para além do movimento de “paráfrase” ou “reescrita” irônica – que, também consideramos ser um movimento de cópia, mas não de um bloco de texto e sim, de equivalentes textuais – este enunciado, em sua circulação, não é posteriormente reescrito ou remixado – como seria no caso de um meme e/ou viral. Isso ocorre pois é parte do movimento de reescrita inicial ironizar, especificamente, enunciados já saturados. Em outras palavras, a constituição de sentido (em uma disputa de sentidos) mobilizada por sujeitos-usuários, que parte do gesto de interpretação e não-identificação com o discurso bolsonarista está, justamente, no movimento de copiar e colar extensivamente aquilo que, para todos os efeitos, já é extensivamente copiado e colado por outros sujeitos, mas em outro domínio de sentido.

⁸ Segundo a definição da Wikipédia: ASCII é o “Código Padrão Americano para o Intercâmbio de Informação (do inglês American Standard Code for Information Interchange - ASCII, pronunciado [áski]) é um sistema de representação de letras, algarismos e sinais de pontuação e de controle, através de um sinal codificado em forma de código binário (cadeias de bits formada por vários 0 e 1), desenvolvido a partir de 1960, que representa um conjunto de 128 sinais: 95 sinais gráficos (letras do alfabeto latino, algarismos arábicos, sinais de pontuação e sinais matemáticos) e 33 sinais de controle, utilizando 7 bits para representar todos os seus símbolos.” Exemplos de artes feitas com ASCII podem ser encontrados no site-arquivo: <https://www.asciart.eu/>

Trouxemos esse exemplo, que conta com o movimento de reescrita, para ilustrar de maneira mais nítida como, assim como no *copypasta do Naruto* – e apesar de todas as características de funcionamento descritas – trata-se de um enunciado cuja autoria é totalmente desconhecida. A fonte do recorte utilizado é, inclusive, a de um perfil no Facebook de *compilação* de copypastas, e não de criação desses.

Portanto, um aspecto importante com relação à significação deste copypasta refere-se a como a marca de autoria (ou, no caso, a ausência dela) fará parte de como ele se constitui. As frases podem vir se apropriando do discurso de outrem de forma absurda – como é particularmente evidente pela repetição de emojis e hashtags no *O Retorno do Rei* –, com o objetivo de ironizar uma formulação já saturada, que, com essa ausência, não permitem que o leitor saiba sua origem.


Feitas essas considerações, trazemos agora o terceiro exemplo:

Figura 4 – Copypasta Neymarzete

↑ Enviado por u/BrNetz há 2 anos

16 **Neymarzete**

↓ nsfw



BR NEYMAR BR

Neymar JR...

se o Neymar acha, eu concordo se o Neymar fala, eu escuto se o Neymar erra, eu perdoo se o Neymar pensa, eu admiro se o Neymar tem 100 fãs, eu sou um deles se o Neymar tem 10 fãs, eu sou um deles se o Neymar tem 1 fã, eu sou esse fã se o Neymar não tem fãs, eu não existo.

quem é Neymar?

em geografia, meu mundo. em história, meu rei. em matemática, minha solução. em biologia, meu medicamento. em mitologia, meu deus. em astronomia, meu universo.

Quem é Neymar jr?

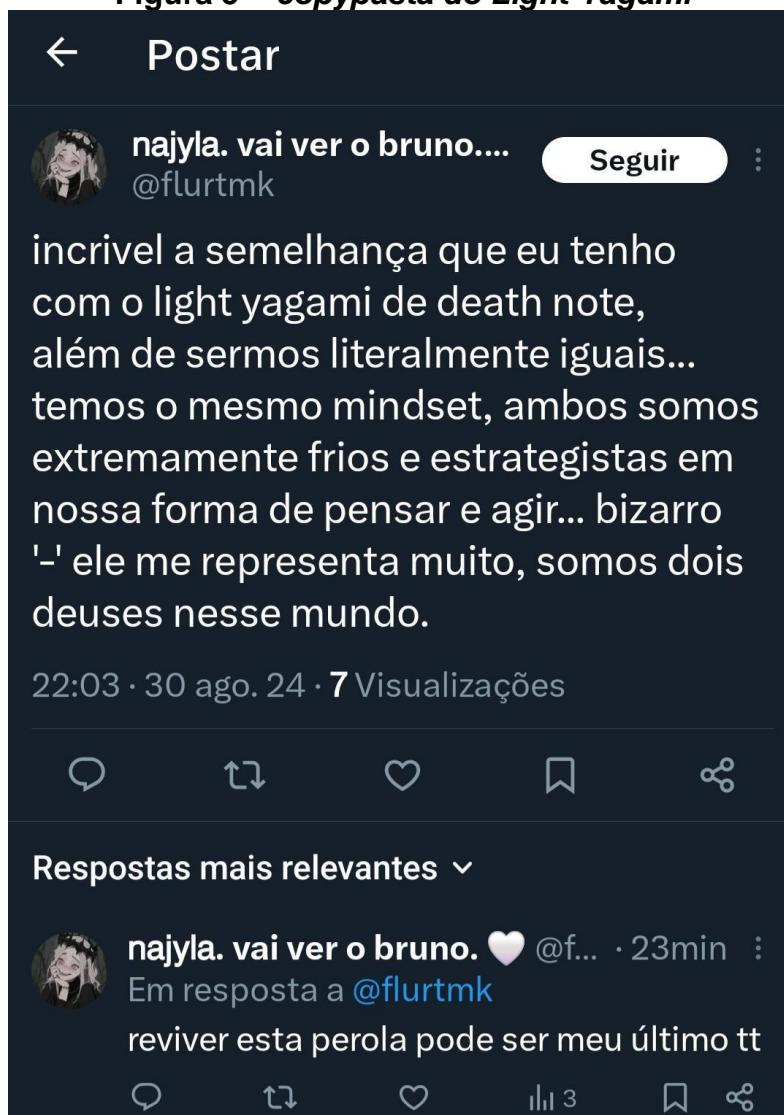
Para o cego, é a luz. Para o faminto, é o pão. Para o sedento, é a fonte de água viva. Para o morto, é a vida. Para o enfermo, é a cura. Para o prisioneiro, é a liberdade. Para o solitário, é o companheiro. Para o viajante, é o caminho. Para o sábio, é a sabedoria. Para a medicina, é o médico dos médicos. Para o réu, é o advogado. Para o advogado, é

Observa-se como, assim como no caso de *O Retorno do Rei*, o texto não é compartilhado com apreçamento de sua legibilidade: esse corypasta traz grande quantidade de informações que, com um ordenamento dificultoso e incansável, torna-o até mesmo cansativo de ler. Sua constituição textual é caracterizada, principalmente, pelos seguintes aspectos: um compilado de memes (como o trecho “quem é neymar? em geografia, meu mundo. em história, meu rei. em matemática, minha solução, em biologia, meu medicamento, em mitologia, meu deus, em astronomia, meu universo.”), incluindo alguns feitos com arte ASCII; informações bibliográficas extensas, com datas, nomes de clube, e localizações; excesso de emojis intercalados ao texto e; de maneira mais geral, trechos textuais desconexos. O único aspecto comum por todo o corpo do texto é a temática de amor pelo Neymar, além de uma autodeclaração como fã.

Consideramos que o aspecto da quase-ilegibilidade deste enunciado já é suficiente para que, através do copiar e colar, já signifique como um corypasta. Por conta de sua formulação específica (e bastante extensa), este é um bloco de texto que imediatamente, e primariamente, joga com o *nonsense*. Dentre nossos recortes, este é um dos casos que mais lembra o aspecto estereotípico do *spam*. Apesar de que há sim um gesto interpretativo que constitui seu sentido – no caso, uma piada sobre o apreço sincero de fãs por um ídolo – ainda assim, grande parte da sua produção de sentido está associada à ilegibilidade. Enquanto a ilegibilidade e o *nonsense* é um *efeito* do *spam* constitutivo dos seus sentidos *como* um corypasta no caso do *corypasta do Naruto*, por exemplo, no *Neymarzete*, a característica de *spam* já está presente no seu “bloco de texto”. Não por isso este “bloco de texto” deixa de ser *spamado* – pelo contrário, este recorte é um corypasta não porque parece um texto de *spam*, e sim porque circula, em bloco de texto (que parece *spam*) em forma de *spam*.

Finalmente, apresentamos, na página a seguir, nosso último recorte. Um exemplo emblemático, que trouxe a problematização inicial que resultou no desenvolvimento deste trabalho: o *corypasta do Light Yagami*.

Figura 5 – cypypasta do Light Yagami



Fonte: <https://x.com/flurtmk/status/1829686438721466614?t=oOJzNPcW8PAmSdQztf8wNg&s=19>

Light Yagami é o protagonista do mangá e anime “Death Note”. Um estudante de ensino médio que, acidentalmente, adquire um caderno sobrenatural (o “Death Note” ou, em tradução livre, “Caderno da Morte”). Através de uma “parceria” oferecida pelo *shinigami* (uma espécie de Deus da Morte na mitologia japonesa) dono do caderno, *Ryuk*, Light ganha os poderes de matar pessoas simplesmente escrevendo seus nomes no caderno. A “moeda de troca” é simples: enquanto Light ganha o equivalente a poderes de um deus, Ryuk ganha um período de entretenimento na sua vida pacata de shinigami e, ao final, quando voltar a ficar entediado, escreverá o nome de Light no Death Note – condenando-o a uma eternidade vagando entre o céu e a terra, destino que não é compartilhado por aqueles cujos nomes são escritos por Light no Death Note. Light aceita, e com essa nova habilidade, o jovem – em nome de livrar

o mundo do mal, e da injustiça – se torna o assassino em massa “Kira”, e a trama o acompanha enquanto procura despistar o detetive “L” de comprovar sua identidade como o criminoso. Sua personalidade é bastante pronunciada: ele é frio e calculista e, além disso, possui um complexo de Deus – que passa a ser cada vez mais pronunciado ao longo do desenvolvimento da história.

Light se torna progressivamente mais e mais inescrupuloso com seus assassinatos, e o que começa como uma missão para trazer justiça ao mundo, rapidamente se torna uma perseguição estilo gato e rato, travada através de uma batalha de intelectos – e egos – entre Light e L. Light, eventualmente, “perde” – após assassinar L, tomar controle da força tarefa da polícia responsável por investigar Kira e, em uma jogada mal calculada devido à arrogância, ser encurralado pela força investigativa do detetive sucessor de L, o jovem *Near*, Light é “desmascarado”. Mas, ele não vai preso. Pelo contrário, ao final do mangá, por exemplo, Light morre implorando de joelhos para que Ryuk escreva o nome de seus adversários no Death Note. Ryuk, rindo, escolhe escrever o de Light. Já no anime – não de maneira tão explícita, mas igualmente patética – Light morre sozinho, sangrando e jogado às traças em uma escada, enquanto Ryuk – o único Deus na dinâmica entre os dois personagens – gargalha ao fundo da sequência cinematográfica.

Fazemos todo este preâmbulo para ressaltar: a narrativa de Death Note é escrita como uma problematização dos ideais de, principalmente, mas não somente, Light. Ele é o protagonista, sim, mas, ao mesmo tempo, o vilão da história. Ou, no mínimo, um indivíduo cujas ações, ideologias, atitudes (e seguidores) são explicitamente trabalhadas para serem questionadas, enquanto a audiência o acompanha em o que é, efetivamente, uma história sobre as implicações morais e éticas do que seria “justiça” para a humanidade.

No volume de número 13 do mangá, o autor de Death Note, Tsugumi Ohba, inclusive, afirma que a “mensagem” da história é que “nenhum humano tem o direito de julgar as ações de outro. Ninguém deveria brincar de Deus.” Mas, nem todos interpretam a trama dessa maneira: Light Yagami é um ícone das comunidades *redpill* e/ou *incel* da internet, e observamos como a produção de sentido se desdobra justamente nesta linha – um enunciado cujo sujeito se identifica com a personagem, também se autodenominando um “Deus desse mundo”.

Mas, apesar desta “primeira” significação, este também se constitui através de uma disputa de sentido: por mais que um sujeito autor “primeiro” deste enunciado –

que sabemos que foi copiado e colado, com esse bloco, de forma tão extensiva que se tornou um cospypasta – sinceramente se identifique com a personagem do Light Yagami, outros sujeitos-usuários não partilham da mesma opinião. É assim que, através de um gesto interpretativo similar àquele observado no *cospypasta do Naruto*, internautas copiam e colam o bloco de texto “incrível a semelhança que eu tenho com o Light Yagami de Death Note [...]” tantas vezes que, neste movimento de disputa de sentidos, ironizam a significação “original”. É o caso do recorte acima apresentado.

Destacamos especificamente o mencionado efeito de “sinceridade” do “autor” deste enunciado pois sabemos – por privilégio de uma análise retroativa, que já observa que este bloco específico se cristalizou em um cospypasta cujo efeito de sentido é de ironia – que, em seu momento de irrupção, sua produção de sentido era não-irônica. Mencionamos como este é o cospypasta que originou a problemática deste trabalho. Isto é, porque – e aqui retomo momentaneamente a primeira pessoa do singular, por conta do aspecto pessoal e anedótico desta afirmação – anos atrás, em meados de 2015, presenciei o que imagino ter sido o “nascimento” deste cospypasta – em um enunciado cuja produção de sentido era, justamente, a de sinceridade. Retorno para a primeira pessoa do plural: tentamos retomar esta origem no processo de pesquisa e escrita do trabalho de 2022, na tentativa de traçar mais precisamente a irrupção de enunciados que sabemos serem cospypastas (prototípicos), ou seja, cristalizados no imaginário dos sujeitos-usuários como *cospypastas*.

Infelizmente, não foi uma busca bem-sucedida, uma vez que, justamente pela característica (constitutiva) de spam, é impossível – sem o emprego de outros instrumentos de coleta extensiva de dados – traçar “manualmente” a primeira ocorrência desse bloco de texto específico. Essa é uma característica compartilhada por todos os recortes aqui apresentados, assim como todos os outros cospypastas prototípicos (cristalizados como cospypastas) – não diretamente trabalhados aqui – que puderam ser observados para a construção deste trabalho. É só em 2023 que consigo – novamente na primeira pessoa do singular – observar o “nascimento” de dois possíveis novos cospypastas – trabalhados no Capítulo 3 (“O Nascimento de um Cospypasta”) deste TCC.

Então, considerando a apresentação desses recortes iniciais, trabalhamos agora, a partir das observações realizadas, com os aspectos da produção discursiva segundo Eni Orlandi (2022). Essa será uma abordagem que tem como objetivo generalizar o funcionamento dos cospypastas, mantendo como plano de fundo as

considerações sobre autoria, imaginários, gestos de interpretação e relação dos sujeitos discutidas anteriormente.

2.2.2 – A produção discursiva

Na abordagem teórica da produção de discurso de Eni Orlandi, os aspectos de constituição, formulação e circulação são trabalhados como forma de analisar a produção discursiva. Na teoria, em função da análise de um texto, Orlandi os separa, traçando algumas delimitações de suas características. Porém, ressaltamos – assim como faz a própria autora – que todos os 3 aspectos são constitutivos essenciais e simultâneos da produção discursiva, dependentes e interdependentes um do outro, havendo separação apenas para o exercício de análise. Para efeitos de explicação geral, Orlandi define essas três instâncias da produção discursiva assim:

Os processos de produção do discurso implicam três momentos igualmente relevantes:

1. Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
2. Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e
3. Sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições. (Orlandi, 2022, p. 13).

No caso dos copypastas, especificamente, os aspectos de formulação e circulação se confundem – no sentido de que são particularmente interdependentes para a produção do sentido. Isto é, enquanto ambos podem ser facilmente identificados, a distinção entre eles é praticamente impossível uma vez que, além de indissociáveis, são, conjuntamente, primariamente os determinantes do sentido no tecnogênero copypasta.

Ainda assim, optamos por uma separação em subtópicos dessas instâncias, para fins de clareza e melhor explicitação da análise.

2.2.3 – A Constituição

Eni Orlandi (2022) define a instância da constituição como sendo

a dimensão vertical [...], do interdiscurso (e aí se inclui a memória, o saber discursivo) que organiza a repetição e também provoca eventualmente, como diz Courtine (1982), o apagamento, o esquecimento, e mesmo a denegação: “o interdiscurso de uma formação discursiva, como instância de formação/repetição/transformação dos elementos de saber dessa formação pode ser considerado como o que regula o deslocamento de suas fronteiras”. Isto tudo pode ser resumido na perspectiva discursiva dizendo-se que o interdiscurso (constituição: dimensão vertical, estratificada) determina o intradiscurso (formulação: dimensão horizontal, eu diria, o da linearização do dizer). Todo dizer (intradiscurso, dimensão horizontal, formulação) se faz num ponto em que (se) atravessa o (do) intradiscurso (memória, dimensão vertical estratificada, constituição). (Orlandi, 2022, p. 15-16).

Considerando que a constituição joga mais com a relação sujeito/discurso, o fenômeno da cospasta é particularmente interessante por tornar bastante evidente o processo de recuperação de uma herança cultural – ou, mais tecnicamente, da memória discursiva. É, afinal, a reprodução quase sempre integral de um discurso constituído anteriormente.

No entanto, traçar o ponto assinalável de irrupção no acontecimento discursivo que os cospastas evocam não é uma tarefa simples. Como já discutido, na maioria dos casos a fonte original dos textos (ou seja, a autoria) não é conhecida e acaba se misturando entre suas inúmeras cópias. Entendemos, porém, que os enunciados que “dão vida” aos cospastas podem ser, sim, atribuídos a algum usuário em específico, mas geralmente desconhecidos. Afinal, são enunciados que existem e circulam, sendo muitas vezes construídos por textos longos, que pressupõem a dedicação de uma pessoa à escrita destes, mas que na maioria das vezes não assume a autoria – ou a tem ignorada, como já discutido. Desta forma, mesmo quando a origem do texto pode ser traçada, este costuma ter um efeito de ser publicado “anonimamente”.

Portanto, entendemos que existe um distanciamento do efeito de autoria de um texto, e que esse é um dos fatores mais importantes para a constituição (e replicabilidade) do cospasta. Aquele que realiza a cópia e colagem do texto preenche, no ato da replicação, a lacuna da autoria sem precisar se preocupar com as implicações reprodutivas a que um texto mais extenso normalmente suscitaria, como a necessidade de citação ou acusações de plágio, ainda que o texto replicado seja sabidamente de outra pessoa.

Claro, como mostramos nas contextualizações dos recortes iniciais dos copypastas apresentados no capítulo anterior, há uma mobilização e jogo com/da memória. Mas, como será discutido mais profundamente no tópico de circulação, é uma “brincadeira” em que “qualquer um” pode assumir o discurso/enunciado de outra pessoa e simular ser a fonte primeira do texto em questão – através da copiada e colada. Nunca é interpretada como plágio, no entanto, pois aquele que replica o texto veste a roupa do autor – geralmente ironicamente – que, por sua vez, transforma os sentidos daquele discurso. Considerando isso, Orlandi afirma que:

O sujeito não se apropria da linguagem num movimento individual. A forma dessa apropriação é social. Nela está refletido o modo como o sujeito o fez, ou seja, sua interpelação pela ideologia. O sujeito que produz linguagem também está reproduzido nela, acreditando ser a fonte exclusiva de seu discurso quando, na realidade, retoma sentidos preexistentes. A isso chamamos “ilusão discursiva do sujeito” (Pêcheux e Fuchs, 1975) (Orlandi, 1988, p. 19).

E cada movimento se dá relativamente, por se dar em uma rede social. Mesmo que o sujeito acredite que produz sentido para a própria ação no ato do compartilhamento, quem significará é o grupo, pela avaliação causada por sua leitura e dada pela sua prática discursiva.

2.2.4 – A Formulação

Considerando os aspectos da constituição, apresentamos aqui a definição da instância da formulação, de acordo com Eni Orlandi (2022):

É na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde). Momento de sua definição: corpo e emoções da/na linguagem. Sulcos no solo do dizer. Trilhas. Materialização da voz em sentidos, do gesto da mão em escrita, em traço, em signo. Do olhar, do trejeito, da tomada do corpo pela significação. E o inverso: os sentidos tomando corpo. Na formulação – pelo equívoco, falha da língua inscrita na história – corpo e sentido se atravessam. **Formular é dar corpo aos sentidos.** Na formulação há um investimento do corpo do sujeito presente no corpo das palavras (Orlandi, 1999). **O momento em que o sujeito diz o que diz.** Em que se assume autor. Representa-se na origem do que diz com sua responsabilidade, suas necessidades. Seus sentimentos, seus desígnios, suas expectativas, sua determinação. Pois, não esqueçamos, o sujeito é determinado

pela exterioridade, mas, na forma-sujeito histórica que é do capitalismo, ele se constitui por esta ambiguidade de, ao mesmo tempo, determinar o que diz. **A formulação é o lugar em que esta contradição se realiza. Ela é o acontecimento discursivo pelo qual o sujeito articula manifestamente seu dizer. Dá o contorno material ao dizer, instaurando o texto.** [E, considerando] a distinção entre constituição e formulação, [pensamos] a *constituição* como dimensão vertical e a *formulação* [como] em um eixo horizontal. (Orlandi, 2022, p. 13 a 15, grifos nossos).

Um dos aspectos identificados como centrais do funcionamento da cospasta é o apagamento autoral que ocorre em suas produções. Retomando, são textos publicados com efeito de anonimato, em sua circulação viral e de replicabilidade “copia e cola”. Sendo assim, a atribuição de uma marca de autoria se torna praticamente impossível. Porém, esse aspecto sozinho não é constitutivo do funcionamento particular dos cospastas – por exemplo, é recorrente em outros “tipos” de *memes* também, mas com o adicional da remixagem.

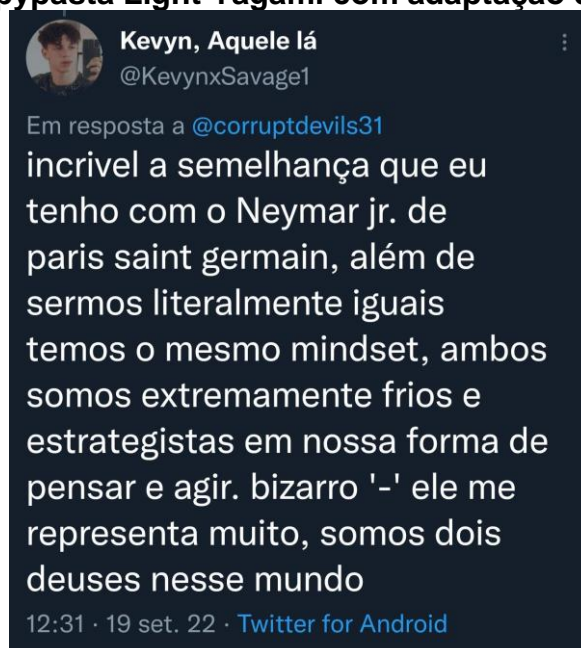
Ainda assim, a ausência predominante do aspecto da autoria revela que o conteúdo semântico de um cospasta não depende de quem o produziu inicialmente, uma vez que é re/formulado em/através de sua repetição. Em outras palavras, como se constitui na *repetição*, o que importa é como é feita a formulação – que, por sua vez, suscita relações de identificação ou não – e, posteriormente, como essa forma é circulada.

No início deste trabalho – assim como na apresentação dos recortes no início deste capítulo – definimos como uma das principais características do cospasta, justamente, a construção em “blocos” de texto. Trata-se de uma estrutura rígida, de textos longos, que são repetidos e compartilhados inúmeras vezes em sua “forma integral”. Então, novamente, na formulação de um cospasta não basta somente parafrasear o texto, mantendo seus principais temas e palavras chaves, ou trabalhando na remixagem – como no caso dos *memes*. Não, é preciso, explicitamente, *copiar e colar* o texto em sua “construção integral” – se não, deixa de ser um cospasta (*copy e pasta*).

A regularidade da forma é tanta, que quando ocorre alguma mudança na formulação de um cospasta específico, se resumem a pequenas alterações. Porém, sempre, em absolutamente todos os casos, é mantida a estrutura principal do “bloco” de texto.

Esse aspecto pode ser bem exemplificado através do exemplo a seguir:

Figura 6 – Copypasta Light Yagami com adaptação de personagem



Fonte: https://twitter.com/KevynxSavage1/status/1571884732190957571?s=20&t=ystbt20YJs_PTj0APx0MZA

Nessa Figura 6, é possível observar uma adaptação feita no bloco de texto do *copypasta do Light Yagami*. Como mencionado, quando ocorrem alterações no bloco de texto de um *copypasta*, elas são feitas de forma mínima. Nesse caso, a alteração ocorre na mudança do nome da figura referida mencionada - de *Light Yagami* para *Neymar Jr* e, respectivamente, de *Death Note* para *Paris Saint German*.

Em quesitos de sentido, é bastante interessante notar como o texto do *copypasta* é caracterizado pela descrição e, então, a satirização que é feita em cima das características, especificamente, do personagem *Light Yagami*. *Light*, como já demonstramos, é um personagem cujas características de personalidade correspondem àquelas descritas no *copypasta*: frio, estrategista, e com um complexo de Deus. Porém, o mesmo não pode ser dito com relação à figura de *Neymar* que, pelo menos em um primeiro momento, não é tido como um indivíduo frio, estrategista e com complexo de Deus.

O humor da utilização desse *copypasta* nessa formulação específica está, portanto, não na descrição de *Neymar Jr* como uma figura similar a *Light Yagami* – uma vez que essa associação “não faz sentido” –, nem na comparação com o usuário que reproduz esse texto na internet. Pelo contrário, o aspecto humorístico está no conhecimento de que esse bloco de texto se trata de um *copypasta* e, especificamente, que se trata do *copypasta* do personagem *Light Yagami*. Em outras

palavras, a mobilização da memória discursiva – ou melhor, já mais diretamente, entendendo como um funcionamento característico da memória *tecnodiscursiva* – não está mais associada àquela constituição e mobilização da memória que faz o enunciado significar em um primeiro momento – vulgo, a de que trata-se de um texto referente ao anime *Death Note*, cujas características do personagem são essas ou aquelas, e cujo discurso remete a retórica *incel* – e sim, de que o texto em questão **é** um cypasta.

Além disso, observemos, também, como a estrutura do texto se mantém rígida em quaisquer outros aspectos que não sejam a troca de nomes: “Light Yagami” muda para “Neymar Jr.”, e “Death Note” muda para “Paris Saint Germain”, mas mantém-se os mesmos termos, a mesma pontuação e, até mesmo, os mesmos emojis⁹.

Trata-se de uma regularidade da forma tão ostensiva que, uma vez estabilizado como um, basta a utilização de uma única frase constitutiva do bloco de texto do cypasta para que o efeito de sentido – o efeito de humor – seja realizado.

Trazemos, assim, outro exemplo de recorte que ilustra esse aspecto:

Figura 7 – Trecho do cypasta do Naruto



Fonte: https://twitter.com/MarcusBuer/status/1571383363688189954?s=20&t=0QUvjFOJ_PRCYEp74bZIsQ

⁹ Esta análise pode ser melhor desenvolvida considerando o efeito metafórico (Pêcheux, 2006 - O Discurso: estrutura ou acontecimento).

Nesse exemplo, podemos observar uma “interação” – ou prática discursiva – entre “usuários” – sujeitos, ou, já em uma acepção da ADD (Paveau 2021), escritores – da rede social Twitter. O conteúdo do tweet original, se referindo ao aluno por “Naruto” em uma aula online, inspira um segundo usuário a interagir com o tweet, que, por sua vez, escolhe fazer isso utilizando as frases iniciais da cypypasta do Naruto, previamente discutida.

Aqui, o efeito de sentido está, novamente, inteiramente atrelado à utilização e conhecimento prévio do usuário sobre o cypypasta em específico. Um sujeito-usuário que desconhece o *cypypasta do Naruto* irá interpretar essa “interação” como uma simples constatação literal – mesmo que faça a associação com o personagem, o anime e suas temáticas. Porém, novamente, o sentido “literal” deixa de ser o sentido “total”: a resposta “O Naruto pode ser um pouco duro às vezes”, ausente da informação de que se trata de um cypypasta é, como resposta ao tweet original, “desconexa”. Mas, aqueles que compartilham do “conhecimento” do cypypasta em sua forma “integral” (do bloco de texto), são capazes de imediatamente associar essa simples frase ao texto do/no bloco e, com isso, há a produção do efeito de humor e sátira. Novamente, é uma demonstração de como a forma rígida do tipo textual é essencial para a construção dele mesmo.

A próxima questão a ser levantada, então, é a de como, afinal, surge um cypypasta. Já estabelecemos que a atribuição da autoria a um sujeito “usuário” não é essencial para a constituição dele como discurso. Mas, ainda assim, nada surge de lugar nenhum.

É nesse estágio da análise e dos questionamentos levantados por nós no processo de pesquisa em 2022 que nos deparamos com a indissociabilidade dos aspectos de formulação e circulação para o cypypasta. Para ilustrar melhor esse aspecto, a seguir, faremos uma esquematização – inicialmente para funções didáticas¹⁰ – daquilo que aparenta ser o processo de, por falta de um melhor termo, “nascimento de um cypypasta”. Para efeitos de explicação, utilizaremos o exemplo da plataforma Twitter (atualmente “X”) para demonstrar essa movimentação, que consideramos ocorrer em etapas:

¹⁰ Neste estágio do trabalho, ainda em 2022, trabalhávamos com essa esquematização apenas como “hipótese” – ou, melhor dizendo, como uma nota analítica a ser investigada. Mas, mais adiante, já em 2023, e trabalhado no Capítulo 3, pude analisar o surgimento de dois cypypastas não-prototípicos, que corroboram essa esquematização.

1. Inicialmente, um usuário – aqui no coloquialismo – posta um texto, cujo tema é qualquer, e é produzido com uma significação sincera (ou não-irônica). As características desse texto variam (tamanho, caracteres, presença ou não de emojis etc.), mas aparentam conter um certo grau de seriedade e genuinidade em sua significação que não é observado nos estágios posteriores.
2. Tratando-se de um texto postado nas redes (é, afinal, nativo digital), outras pessoas entram em contato com a publicação, muitas vezes acidentalmente. Nesse estágio, concluímos que os efeitos de um gesto de interpretação de outros sujeitos-usuários – exemplificados nos recortes do subcapítulo 2.2.1 – desencadeia o próximo estágio.
3. Uma vez em “interação” – aqui no sentido coloquial – com o enunciado não-irônico, esses sujeitos-usuários copiam o conteúdo material do texto e o colam – seja nos comentários ou nos “retweets com comentários” (no caso da plataforma Twitter) –, mas, dessa vez, num movimento de ironia, satirizando do/com o texto “original” – constituindo, assim, a disputa de sentidos.
4. Com a estrutura pronta, a rigidez formulada, e o aspecto humorístico (irônico) adicionado como efeito de sentido, há, então, o esqueleto de um cypypasta.

A utilização do termo “esqueleto”, aqui, é proposital. Como já frisado, a formulação e circulação do cypypasta são determinantes do sentido. Nos tópicos anteriores, observamos como se constrói a formulação característica desse tipo textual: rigidamente, em texto, que é copiado (e colado) nas redes por usuários. Mas, somente com isso, não é possível a “criação” de um cypypasta, uma vez que ele depende da forma como é circulado para que todos esses aspectos da formulação sejam verdadeiramente consolidados e cristalizados no tecnogênero.

2.2.5 – A Circulação

Trazemos, finalmente, a definição da instância da circulação na citação a seguir. Destacamos, também, a retomada dos conceitos de formulação e constituição, respectivamente, que Orlandi (2022) faz no início da sua consideração sobre a circulação:

Sendo atualização da memória discursiva, a formulação se faz materialmente pela colocação do discurso em texto, pela textualização. Assim, se em outros trabalhos tratamos mais acentuadamente do plano da constituição onde se joga a relação sujeito/discurso, neste vamos tratar mais diretamente da articulação autor/texto/comentário, ou seja, nossa perspectiva de reflexão é a do plano de formulação que desmarca um espaço de significação específico. **Acrescentamos ainda a importância da instância da circulação onde os dizeres são como se mostram. Os trajetos dos dizeres. E isto nos interessa pois, como procuraremos mostrar, os “meios” não são nunca neutros. ou seja, os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam (em que meios e de que maneira: escritos em uma faixa, sussurrados como boato, documento, carta, música etc.).** Não há por que, na análise, privilegiar uma dessas instâncias em relação à outra. Só o fazemos por necessidade teórica ou por opção metodológica em relação aos nossos procedimentos analíticos. (Orlandi, 2022 p. 16).

Cabe novamente o destaque: para o corypasta, particularmente, é de extrema importância a relação entre a formulação e a circulação, pois elas ocorrem mutuamente – enquanto ocorre a formulação, a circulação já está atuando concomitantemente. Além disso, sem a circulação, a formulação não é capaz de constituir o sentido e vice-versa.

A característica que concretiza o corypasta e sua circulação é a repetição, já que, sem isso, é apenas um viral, um meme – e não um corypasta. Essa circulação é feita, especificamente, de um modo semelhante ao do *spam*, ou seja, cujo texto é repetido várias vezes, em sequências de posts, comentários etc. exaustivamente. Como demonstrado no processo de “nascimento” da corypasta proposto no subtópico anterior, isso ocorre quando um usuário publica um texto original, não ironicamente, que, então, “aparece” – utilizando do coloquialismo das redes – para outros usuários que, no processo de disputa de sentidos, atribuem valoração (identificação, não-identificação) ao texto. Com isso, esses novos/diferentes sujeitos, através dos atributos técnicos de compartilhamento – comentários, tweets, retweets etc. – espalham, agora ironicamente, a formulação do enunciado que, com o tempo e a repetição exponencial, cristalizam o texto como um corypasta.

A seguir, trouxemos recortes de “interações” (práticas discursivas) na plataforma Reddit, com o *copypasta do Light Yagami*, e que demonstram de maneira bastante clara a característica da repetição em forma de *spam* que é constitutiva desse discurso:

Figura 8 – Copypasta do Light Yagami sendo compartilhado repetidas vezes

11 comentários ordenado por Melhores ▾

[Adicionar comentário](#)

sSeCreTm · há 2 anos

incrível a semelhança que eu tenho com o light yagami de death note, além de sermos literalmente iguais... temos o mesmo mindset, ambos somos extremamente frios e estrategistas em nossa forma de pensar e agir... bizarro 'l ele me representa muito, somos dois deuses nesse mundo.

7 Res...

Machados · há 2 anos

incrível a semelhança que eu tenho com o light yagami de death note, além de sermos literalmente iguais... temos o mesmo mindset, ambos somos extremamente frios e estrategistas em nossa forma de pensar e agir... bizarro 'l ele me representa muito, somos dois deuses nesse mundo.

4 Res...

Shagaru_Dragomex · há 1 ano

incrível a semelhança que eu tenho com o light yagami de death note, além de sermos literalmente iguais... temos o mesmo mindset, ambos somos extremamente frios e estrategistas em nossa forma de pensar e agir... bizarro 'l ele me representa muito, somos dois deuses nesse mundo.

3 Res...

sSeCreTm · há 1 ano

incrível a semelhança que eu tenho com o light yagami de death note, além de sermos literalmente iguais... temos o mesmo mindset, ambos somos extremamente frios e estrategistas em nossa forma de pensar e agir... bizarro 'l ele me representa muito, somos dois deuses nesse mundo.

2 Res...

Fonte: https://www.reddit.com/r/copypastabr/comments/k19hz9/eu_sou_que_nem_o_kira/

No exemplo, usuários diferentes respondem uns aos outros com o mesmo corypasta, criando uma rede de "interação" que é constituída, quase que unicamente, pelo *spam* sucessivo do – agora bastante identificável – *corypasta do Light Yagami*.

Esse formato de *spam* e da repetição especificamente de textos, porém, não é suportado por todos os tipos de plataformas da web 2.0. Retomando, tratando-se de um tecnôgênero e um nativo digital – cuja produção de sentido depende também da restrição técnica de se copiar e colar, especificamente, um texto – seus ambientes de circulação são, inicialmente, também restritos a essas disponibilidades.

Portanto, as principais redes sociais onde nascem essas repetições são aquelas que possibilitam o copiar e colar, assim como o espalhamento de enunciados compostos por caracteres: fóruns como o 4chan e Reddit; redes sociais como Twitter, Facebook, Tumblr; chats da Twitch e do Youtube etc. Nestes, adentrando nos aspectos técnicos, são utilizadas todas as ferramentas de compartilhamento disponíveis – como o *upvote*, e o *downvote* no Reddit, que correspondem a curtidas (*likes*) e não-curtidas (*dislikes*), respectivamente, comuns em outras plataformas; ou, então, as opções de compartilhar e comentar, presentes em todas as plataformas mencionadas; ou ainda as opções de tweetar, retweetar, ou tweetar com comentário, como no caso do Twitter. Os usuários dessas plataformas então utilizam dessas “ferramentas” disponíveis para exercitar a ação de copiar, colar, e nisso “spammar” os corypastas, constituindo-os como tal.

Porém, uma vez cristalizados – como corypastas prototípicos, por exemplo – é possível observar a ocorrência (circulação) de corypastas em outras materialidades – inclusive as não digitais.

2.3 – COPYPASTAS, O SPAM, E A LÓGICA DO ABSURDO

Um aspecto importante, especificamente, da circulação (e assim constituição) em *spam* dos corypastas é o efeito de sentido que esse aspecto, em si mesmo, gera. Trabalhamos no subcapítulo 2.2.1 (“*Para uma apresentação inicial: corypastas e os gestos de interpretação*”) como entendemos que a consideração dos gestos interpretativos e identificação (ou não-identificação) de um sujeito-usuário com um determinado enunciado, culmina em um ponto assinalável de irrupção de dito enunciado. A partir disso, entendemos como isso “influencia” – ou não – um sujeito a

fazer o gesto de resignificação (copiar e colar, ironizando) que resulta no nascimento e/ou cristalização de um cypasta.

Trabalhamos aqui com a mesma noção, mas agora na esteira de quem, digamos, “é vítima” de um cypasta: O *spam* pressupõe o compartilhamento extensivo, que beira a *trollagem*, no sentido de que, muitas vezes, não joga com o sentido do enunciado – nem mesmo aquele literal – e sim com a inconveniência do seu compartilhamento. O “uso” desse tecnôgênero tem justamente essa característica.

Por exemplo, a introdução repentina de um bloco de texto extenso em uma conversa por mensagens, completamente descontextualizado na prática discursiva, pode causar, no mínimo, um estranhamento. Por ser inconvenientemente grande, um cypasta – a estilo do *Neymarzete*, por exemplo – é muitas vezes ignorado por completo (seja pela pressa de quem lê ou por reconhecer o texto como *spam*) ou lida descompromissadamente. Aqueles que o leem, porém, ainda que sem compromisso com a leitura completa, são capazes de identificar que o absurdo não está só na sua forma, mas também no “conteúdo” que, via o compartilhamento em *spam*, descontextualizado, beira o “nonsense”.

Não *nonsense* no sentido de que não é atravessado pela sua existência histórico-ideológica, mas que – mesmo quando aparentemente “contextualizado” – o cypasta não é inserido num diálogo a fim de desenvolvê-lo. Ele funciona diferentemente: sua propriedade de *spam* é usada para, por exemplo, ridicularizar ou debochar da fala de alguém, desviar o foco do diálogo ou ainda ser *nonsense* simplesmente para provocar a reação que a falta de sentido ou contexto causa nas pessoas.

Assim, a constituição em *spam* e a forma rígida trabalha, primariamente, com o “absurdo” do inesperado e, ao mesmo tempo, numa aparente contradição, na estabilidade do seu “absurdo” que é *esperado*: por exemplo, um cypasta é replicado tantas vezes que pessoas familiarizadas com ele são capazes de reconhecê-lo somente pela aparência geral do corpo do texto (sua formulação textual) e não mais através da leitura, nem mesmo das primeiras frases. Para trabalhar esta característica, em alguns casos, o texto não é replicado integralmente, sofrendo pequenas inserções ou substituições que saltam aos olhos – como o caso da cypasta do Light Yagami que teve seu personagem alterado para o de Neymar; ou no caso do cypasta do

Naruto, no exemplo da Figura 7, cujo usuário responde o tweet somente com a primeira sentença do cypypasta.

Saio, assim, da apresentação da primeira camada do funcionamento dos cypypastas. Como mencionado anteriormente – no Capítulo 2 – enquanto trabalhávamos com o funcionamento discursivo base desse tecnogênero em 2022, passamos a ter como objetivo de análise compreender qual seria o funcionamento prototípico do “nascimento” de um cypypasta. Em 2023, e sequencialmente em 2024, durante a contínua coleta de dados para construção do corpus de análise deste trabalho, já na pesquisa deste TCC, pude observar o nascimento e funcionamento de dois cypypastas – que considero aqui como não-prototípicos, cuja razão será desenvolvida adiante. A partir da observação desses dois casos – que considero a “segunda camada” da análise, surgiram novas questões, considerações e obstáculos – a “terceira camada” –, que serão trabalhadas nos capítulos a seguir.

3 – O NASCIMENTO DE UM COPYPASTA

Em um exercício de desconsideração do efeito de anonimidade da autoria na constituição dos copypastas, em 2023 fiz um processo de procura e curadoria de possíveis “surgimentos” (ou “nascimentos”) de novos copypastas. Esse exercício de análise – que já destaco, considero ser especialmente atravessado pelas minhas subjetividades como analista-usuária à mercê da “boa vontade” algorítmica – resultou na observação de dois copypastas, assim como a consideração e reconsideração de algumas características do seu funcionamento.

Antes de partir para uma apresentação dessas observações, retomo: Há uma sobreposição considerável entre os aspectos de constituição, mas, principalmente, entre os de formulação e circulação, que implicam em uma das características fundamentais do copypasta: para serem formulados, precisam necessariamente circular; e para circularem, precisam necessariamente serem formulados com certas características – em blocos, rígidos, e copiados e colados. A partir da etapa quatro da “cadeia de nascimento” de um copypasta proposta no subtópico 2.2.4 (“A Formulação”), a estrutura, rigidez e disputa de sentidos estabelecidas não são suficientes para a estabilização e/ou cristalização dos copypastas como copypastas, uma vez que esses são essencialmente, necessariamente e unicamente constituídos através de uma junção de circunstâncias que combina aspectos de formulação e circulação, que permitem que sua característica principal – o copia e cola de blocos rígidos em formato de *spam* – seja efetivada.

Seguindo essa constatação, apresento no tópico a seguir os objetivos desta nova camada, trazendo inicialmente casos coletados, e, depois, questionamentos mais aprofundados relativos ao tecnogênero analisado.

3.1 – COPYPASTAS NÃO PROTOTÍPICOS: ANÁLISE DE CASOS

Para ambas as análises apresentadas a seguir, faço um pequeno exercício de contextualização assim como de apontamento dos seus aspectos de constituição, formulação e circulação, ainda mantendo a fundamentação na AD materialista, mas já tangenciando, agora mais em primeiro plano, as proposições da ADD de Paveau.

3.1.1 – Caso 1 – “alhaitham arruinado”

A seguir, apresentarei alguns recortes de tweets coletados primariamente na primeira semana de setembro de 2023, que ilustram circunstâncias de formação do primeiro caso de um possível cypypasta.

Figura 9 – “nascimento” do cypypasta do “Alhaitham arruinado”



Fonte: https://twitter.com/mx_vali/status/1699261525918134477?s=20

Como tradução livre dos tweets apresentados, considere:

1. primeiro tweet (@pad1sarah): “a melhor parte do ‘muito implícito’ é que é basicamente uma confirmação de que haikaveh foi feito pra ser subentendido mesmo (como a gente sempre vem dizendo)”
2. segundo tweet (@mx_vali): “Isso provavelmente vai te deixar feliz, mas fique sabendo que vocês arruinaram o Alhaitham pra mim. Ele foi o primeiro personagem que eu virei whale pra ter e é o meu mais bem

buildado¹¹, eu tinha a C2+arma e agora eu não consigo nem mais usar ele. Honestamente eu amaria o Kaveh se não fosse por vocês, vocês arruinaram ele também. Espero q vc esteja feliz”

Para exercício de análise, trago uma breve contextualização da irrupção e condições de produção em que essa prática discursiva se circunscribe:

O primeiro tweet de “pad1sarah”, é uma referência indireta – ou, talvez, uma observação – sobre uma fala – feita durante uma convenção de fãs nos Estados Unidos –, pelo dublador do idioma inglês (Nazeeh Tarsha), do personagem *Alhaitham*, do video game chinês *Genshin Impact*. Esse comentário, por sua vez, trata-se de um “behind the scenes” sobre a gravação da primeira fala do seu personagem (*Alhaitham*) a outro personagem do mesmo vídeo game, *Kaveh* (dublado por Ben Balmaceda). Supostamente, essa cena específica teve de ser regravada às pressas, às vésperas de uma atualização do jogo, pois a direção e atuação relativa à dublagem de ambos os personagens, e em diversas línguas, deixava “muito implícita” a, novamente suposta, relação romântica entre *Alhaitham* e *Kaveh*.

Agora, outra contextualização: “haikaveh” se refere ao nome do “ship” entre os personagens mencionados. *Ship*, por sua vez, é uma abreviação da palavra “relationship” (relacionamento) do inglês – refere-se, em ambientes de *fandom*¹², a um casal, geralmente romântico, de personagens ou personalidades, ficcionais ou não. O verbo “shippar”, portanto, é relativo ao ato de torcer para que o relacionamento de tal casal (o “ship”) seja “canon” (efetivado, realizado, se tornado real).

O outro usuário, “mx_vali”, então, responde ao Tweet de *pad1sarah*. É impossível afirmar com certeza qual teria sido a causa da reação de *mx_vali* – muitos

¹¹ É comum em vários gêneros de jogos que, dentre as mecânicas do jogo, exista a possibilidade de integrar e/ou adicionar itens (como armas, artefatos, etc) à personagens para que essas se tornem mais fortes. Essa mecânica está intrinsecamente relacionada ao progresso do jogador no jogo, uma vez que esses itens costumam ser difíceis de conseguir e/ou difíceis de aprimorar, demandando tempo e dedicação – que abrangem, às vezes, como no caso de *Genshin*, até meses. “Build”, do verbo *construir*, em inglês, é uma gíria utilizada em comunidades (tanto brasileiras quanto estrangeiras) de jogos justamente para se referir a essa seleção de itens que compõem o personagem, potencializando suas habilidades. “Buildado”, assim, é a “aportuguesação” de “built” (construído), gíria utilizada para se referir ao personagem que *já* está neste estado potencializado, ou seja, que já teve de passar pelo período de dedicação por parte do jogador para se tornar mais forte. Por essa razão, *builds* são, geralmente, motivo de orgulho e até mesmo de ostentação por parte dos jogadores, que competem entre si para descobrir quem tem o melhor *build* de personagem x ou y.

¹² *Fandom* é o termo utilizado para se referir a um grupo de fãs de alguém/alguma coisa, geralmente apresentando características similares/equivalentes a subculturas (isto é, um conjunto de particularidades culturais de um grupo que, geralmente, de alguma maneira, destoam do “modo de vida” dominante – mas sem completamente se desprender dele).

usuários a interpretaram como uma demonstração de homofobia, já que o personagem *Alhaitham* teria sido arruinado por conta de “you guys”, ou seja, *shippers*¹³ de *haikaveh*. Porém, o usuário, *mx_vali*, afirma em respostas subsequentes que o motivo seria outro: a suposta redução da caracterização dos respectivos personagens a serem somente parte de um casal gay, e nada mais.

Independente do caso, a resposta continua tendo um tom no mínimo inesperado – brigas de *ship* são extremamente comuns na internet, e, infelizmente, situações de homofobia mais ainda. Porém, a construção do Tweet é “hilária” por seu absurdismo: trata-se de um usuário que “whaled” (“baleiou”) – termo usado para descrever pessoas que gastam dinheiro em jogos de *gacha*¹⁴ – múltiplas vezes para conseguir várias cópias de um mesmo personagem¹⁵, e que, depois, deixou de usá-lo no jogo, já que este teria sido, supostamente, arruinado por comentários de outros jogadores de *Genshin* na internet. Uma pessoa que possui múltiplas cópias de um mesmo personagem – que, por mecânicas típicas de jogos de *gacha*, permite torná-lo mais forte – é tido como um jogador dedicado ao tal, geralmente tratando-se de seu favorito no jogo. Portanto, alguém deixar de gostar de *Alhaitham* – ou, no caso de *mx_vali*, até mesmo deixar de usá-lo no jogo, depois de tanta dedicação – por conta de comentários de outras pessoas na internet é, no mínimo, bizarro.

¹³ *Shippers* é o nome dado aos indivíduos que “shipam”, ou seja, torcem pelo relacionamento de um casal (“ship”).

¹⁴ *Gacha* é uma abreviação da palavra japonesa “gachapon” (“ガチャポン”), nome popular para máquinas de venda automática de itens aleatórios – como chaveiros, figuras de plásticos, bolinhas que quicam etc. – adquiridos em troca de fichas ou moedas de dinheiro real. São máquinas que podem ser encontradas inclusive no Brasil, muitas vezes ao lado das conhecidas máquinas de garra de shoppings e postos de estrada. Tratando-se de uma forma de aposta – baseada puramente na sorte –, no contexto de vídeo games, *gacha* se refere a uma categoria de jogos cuja principal mecânica de monetização é através de um sistema de sorteio – o *gacha* – similar àquele das *gachapons*: em troca de fichas virtuais – que podem ser adquiridas de graça dentro do próprio jogo ao longo do tempo – ou dinheiro real, os jogadores podem tentar adquirir personagens, armas e outros itens *ingame*, contando apenas com a sorte.

¹⁵ Jogos do tipo *gacha* funcionam basicamente como qualquer outro tipo de jogo de aposta/azar – o que vale é a sorte. Porém, como “garantia”, a vasta maioria desses jogos contam com um sistema de “pity” (ou, literalmente, “dó”) para seus jogadores: depois de certa quantidade de apostas rodadas, é garantido que o jogador obterá o item desejado. No caso de *Genshin*, esse sistema de *pity* garante um personagem após, exatamente, 180 apostas. No tweet, *mx_vali* menciona que seu personagem *Alhaitham* é “c2 + weapon”, significando que, em sua conta, há 3 cópias idênticas do personagem, mais sua arma. Como estimativa, e para fins de contextualização, possuir essa quantidade de cópias do mesmo personagem significa que, descartando a sorte, esse usuário teria de ter apostado 180 + 180 + 180 vezes no personagem e, depois, mais 180 vezes para garantir a arma. Tal façanha é inteiramente possível de atingir apenas economizando as fichas oferecidas pelo próprio jogo, mas *mx_vali* admite ter *whaled* (“baleiado”, vulgo, gastado dinheiro) por *Alhaitham*, o que, considerando os valores específicos de *Genshin* de compra por ficha, poderia ter custado, em caso de azar máximo, inacreditáveis R\$8.498,30. Isso na data de 01 de setembro de 2024.

Naturalmente, as reações foram fortes – e retomo aqui o diálogo com as proposições do Subtópico 2.2.1 sobre os gestos de interpretação de sujeitos-usuários. No momento da captura de tela, o Tweet de *mx_vali* possuía 484 retweets com comentários. Reações, essas, variadas – incluindo acusações de homofobia, risadas, *memes* ou, curiosamente, observações do potencial do tweet para se tornar um cospasta:

Figura 10 – primeiro exemplo de *quotweet* sobre possibilidade de cospasta



Fonte: <https://twitter.com/kuriladj/status/1699448621823889915?s=20>

Figura 11 – segundo exemplo de *quotweet* sobre possibilidade de cospasta



Fonte: <https://twitter.com/kikixni/status/1699450766723891423?s=20>

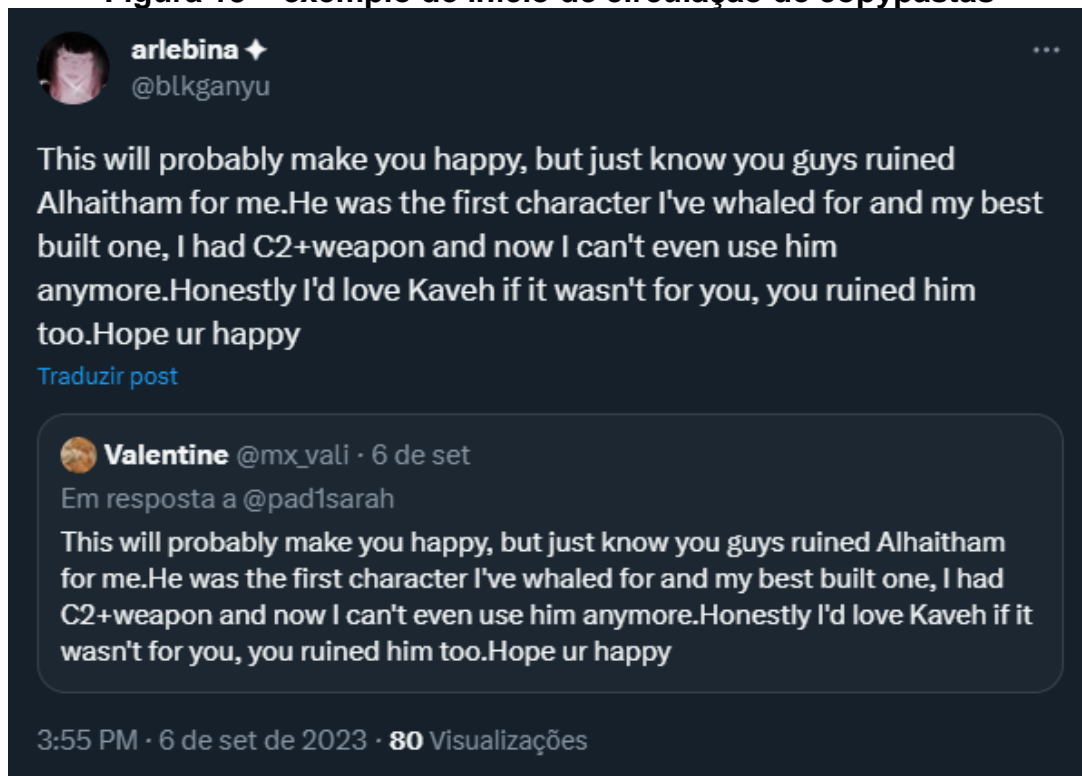
Figura 12 – terceiro exemplo de *quotweet* sobre possibilidade de copypasta



Fonte: <https://twitter.com/vanitaswan/status/1699445077448233404?s=20>

Mas, não só comentários. Imediatamente após o tweet, já foi possível identificar casos do início da circulação em *spam* do copypasta:

Figura 13 – exemplo de início de circulação de copypastas



Fonte: <https://twitter.com/blkganyu/status/1699496489788014613?s=20>

Figura 14 – segundo exemplo de início de circulação de cospastas



Nine *
@ninehoua

This will probably make you happy, but just know you guys ruined Dan Heng for me. He was the first character I've whaled for and my best built one, I had E6+LC and now I can't even use him anymore. Honestly I'd love Blade if it wasn't for you, you ruined him too. Hope ur happy

[Traduzir post](#)

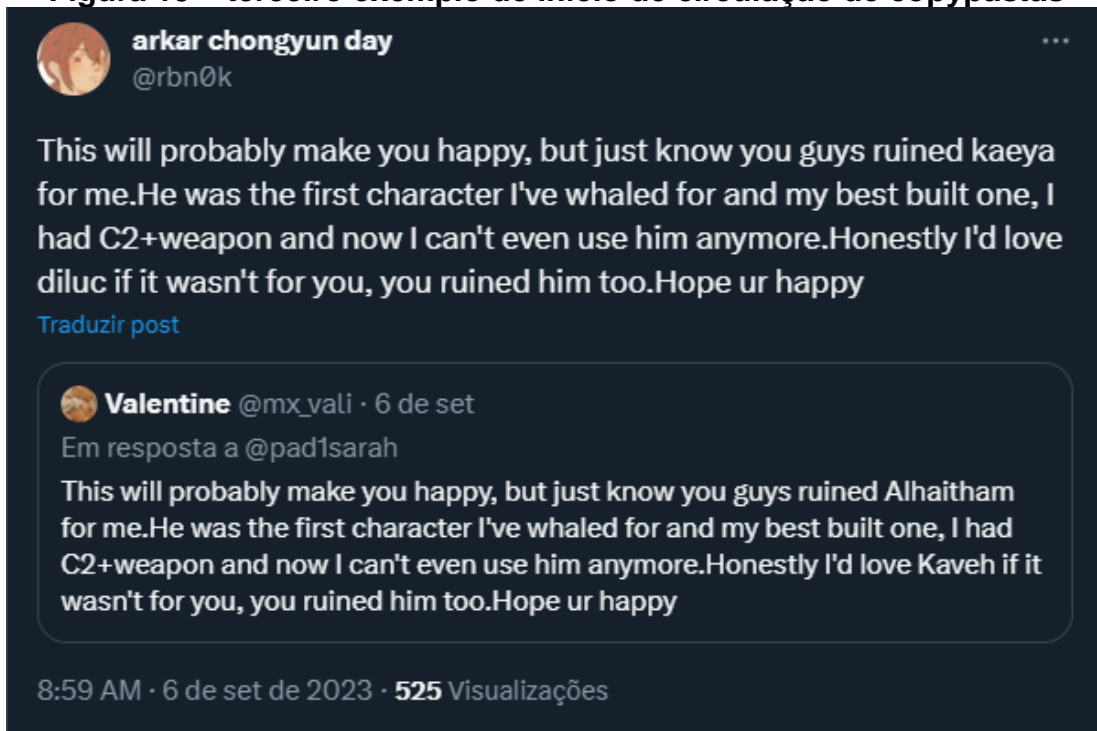
Valentine @mx_vali · 6 de set
Em resposta a @pad1sarah

This will probably make you happy, but just know you guys ruined Alhaitham for me. He was the first character I've whaled for and my best built one, I had C2+weapon and now I can't even use him anymore. Honestly I'd love Kaveh if it wasn't for you, you ruined him too. Hope ur happy

6:16 AM · 6 de set de 2023 · **1.833** Visualizações

Fonte: <https://twitter.com/ninehoua/status/1699350959812685827?s=20>

Figura 15 – terceiro exemplo de início de circulação de cospastas



arkar chongyun day
@rbn0k

This will probably make you happy, but just know you guys ruined kaeya for me. He was the first character I've whaled for and my best built one, I had C2+weapon and now I can't even use him anymore. Honestly I'd love diluc if it wasn't for you, you ruined him too. Hope ur happy

[Traduzir post](#)

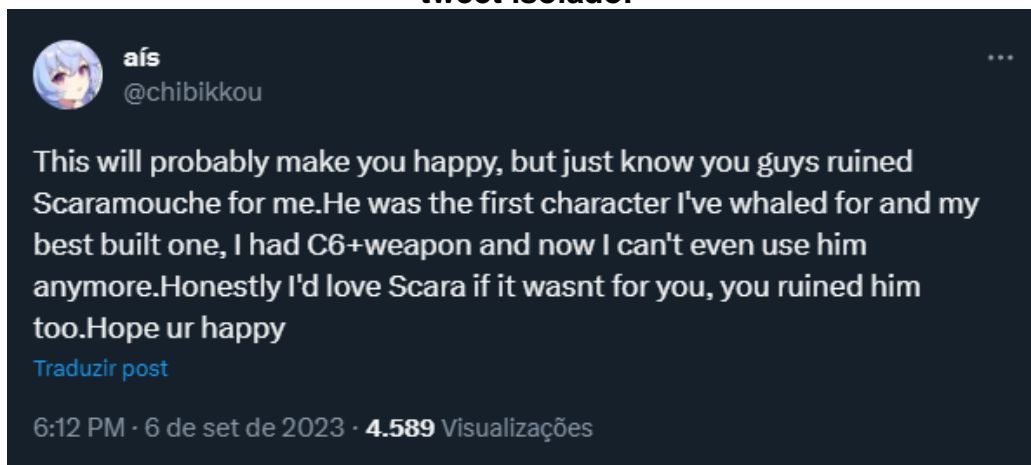
Valentine @mx_vali · 6 de set
Em resposta a @pad1sarah

This will probably make you happy, but just know you guys ruined Alhaitham for me. He was the first character I've whaled for and my best built one, I had C2+weapon and now I can't even use him anymore. Honestly I'd love Kaveh if it wasn't for you, you ruined him too. Hope ur happy

8:59 AM · 6 de set de 2023 · **525** Visualizações

Fonte: <https://twitter.com/rbn0k/status/1699391805421461684?s=20>

Figura 16 – quarto exemplo de início de circulação de copypasta, agora como tweet isolado.



Fonte: <https://twitter.com/chibikkou/status/1699531124673036764?s=20>

Nesta primeira coleção de recortes, podemos observar um nascimento “usual” (como proposto na ordenação do subtópico de “*A Formulação*”) de copypastas: um texto sério, interpretado por outros usuários como absurdo, que é copiado e colado com um efeito de bloco de texto, imbricado em seus aspectos textuais, visuais e técnicos – incluindo erros de espaçamento, pontuação etc. –, agora de maneira ironizada. Há também casos de pequenas substituições, como acontece em diversos copypastas: os nomes de *Alhaitham* e *Kaveh* são ajustados por nomes de outros personagens, sejam eles do mesmo jogo, ou de outros.

Pela recência do caso observado, na instância de coleta dos recortes aqui apresentados, as frequências de compartilhamento continuam dentro do mesmo nicho de pessoas: jogadores de *Genshin Impact* ou de outros jogos adjacentes, também do tipo *gacha*. O segundo caso coletado, porém, teve uma ocorrência mais abrangente, e de “nascimento” um tanto peculiar (ou não-prototípico) – se comparado ao padrão previamente identificado dos/nos copypastas:

3.1.2 – Caso 2 – “*me as a fujoshi*”

Apresento, agora, alguns recortes de tweets coletados, inicialmente, na última semana de julho de 2023 e, depois, entre a última semana de agosto e primeira semana de setembro, também de 2023. Novamente, esses recortes ilustram circunstâncias de formação do segundo caso de um possível copypasta:

Figura 17 – “nascimento” do cypasta “me as a fujoshi”



Fonte: <https://twitter.com/nodeofscherzo/status/1673093760475885573?s=20>

Como tradução livre do enunciado de (@nodeofscherzo), considere: “eu como uma fujoshi na ágora grega vendendo meu doujinshi de aquiles x pátroclo desenhado à mão quando eu avisto minha arquinimiga que shippa pátroclo x aquiles discursando sobre porque ela acha que o aquiles é o passivo e os filósofos tão ouvindo ela ao invés de comprar meu douj”

Outra breve contextualização é necessária: “fujoshi” (do japonês “腐女子”, literalmente “garota estragada”) refere-se ao termo – cunhado no fórum japonês majoritariamente masculino “2chan” – utilizado para pejorativamente designar fãs femininas que gostam e/ou consomem conteúdo gay fictício, tornando-as “arruinadas demais para casar-se”. “Doujinshi” (também do japonês, “同人誌”, podendo ser traduzido por “fanzine”), por sua vez, refere-se a publicações independentes de fãs – sejam elas revistas, “mangás”, “fanfics” etc. Porém, em contextos ocidentais, refere-se, geralmente, a um tipo específico de *fanzine*: publicações eróticas e/ou explícitas, que beiram a pornografia. “Achilles” e “Patroclus” referem-se, claro, aos heróis da mitologia grega.

A diferenciação entre o ship de “achilles x patroclus” versus “patroclus x achilles”, porém, merece uma contextualização por si só: em contextos de *shipping* – especialmente referentes a mídias orientais e, particularmente, de casais envolvendo dois homens – a ordem dos nomes indica se o indivíduo é, respectivamente, “top” (“ativo”) ou “bottom” (“passivo”) nas relações sexuais homoafetivas. Teoricamente, tratando-se de um casal envolvendo as duas mesmas pessoas, era de se esperar que “achilles x patroclus” ou “patroclus x achilles” seria o mesmo *ship*. Na prática, não é

isso que acontece: é comum a ordem dos nomes designar *ships* considerados completamente distintos, a ponto de que, em certas circunstâncias, há “fanwars” (“guerras de fãs”) entre pessoas que *shippam* diferentes “posições” de um mesmo casal.

Saindo da necessária contextualização, neste segundo caso podemos observar o que aparenta ser uma exceção: o texto base, com potencial de cospasta, já era irônico e “humorístico” naturalmente. O uso da palavra *fujoshi* para se autodesignar, seguido da ambientação na Grécia antiga; depois a especificação de tratar-se de um *doujinshi* de um *ship* sobre personagens da mitologia grega; então, a designação absurda de um “arch nêmesis” (arco inimigo) à pessoa que *shipa* uma posição sexual diferente do mesmo casal; finalizando com a menção dos filósofos gregos e um fim de Tweet antes do término da digitação da palavra “doujinshi”.

Claramente, a autora da publicação – que curiosamente é brasileira, mas tuita em inglês – produz o efeito de sentido de ironizar a si mesma: o uso de termos e conhecimentos extremamente específicos automaticamente demonstra que, como ela mesma se autodesigna, ela realmente é uma *fujoshi*. Então, não surpreendentemente, o tweet também passou a caber na categoria de “virais” – visto a quantidade de likes e retweets. Porém, outras características do texto prototípico do cospasta permanecem (sua formulação): um efeito de bloco de texto, materializado por muitos caracteres e de conteúdo absurdista.

Muitos usuários imediatamente identificaram essa característica típica de cospastas, replicando a bizarrice e quase blasfêmia temática do tweet original, como no recorte da página a seguir:

Figura 18 – doujinshi de Jesus

stuart (IN YURI REHAB) @kaeyathe2nd · 28 de jun
these comments

LIVE Following **For You** 🔍

JUDAS spits in JESUS's face.

That's what I think about you.

JESUS doesn't wipe it off.

I love you, Judas. +

372 comments ×

 **bri**
are they yaoi
2h Reply ❤️ 1491 🗨️

🗨️ 107 ↺ 11,2 mil ❤️ 63,2 mil 📊 1,3 mi ↗️

maciús 🙄
@maciektyty

me as a fujoshi in the christian bible selling my hand written jesus x judas doujinshi when i spot my arch nemesis who ships judas x jesus giving a speech about the reasons why she thinks jesus bottoms and the apostles are listening to her instead of buying my douj

[Traduzir post](#)

6:58 AM · 28 de jun de 2023 · **116,3 mil** Visualizações

976 Reposts **121** Comentários **4.687** Curtidas **246** Itens Salvos

Fonte: <https://twitter.com/maciektyty/status/1673994274059239426?s=20>

Figura 19 – busca guiada pelas palavras-chave “me as a fujoshi” na barra de pesquisa no Twitter, e resultados

The screenshot shows a Twitter search interface with the query "me as a fujoshi". The search results are displayed in a list format under the "Principais" (Top) tab. Each tweet includes the user's profile picture, name, handle, date, and the text of the tweet. Below each tweet, there are icons for replies, retweets, likes, and views, along with their respective counts.

Principais Mais recentes Pessoas Mídia Listas

feza **yuri twice removed** @xiyuanhater · 28 de ago ...
me as a fujoshi in ottoman empire selling my leather bound books of mehmed ii x dracula doujinshi when i spot my arch nemesis who ships mehmed ii x radu giving a speech about the reasons why she thinks radu bottoms and the constanians are listening to her instead of buying my d
 1 39 106 3.329

chi @noldorina · 2 de set ...
me as a fujoshi in the kingdom of wessex selling my leatherbound manuscript of king alfred x aelderman uhtred when i spot ægnes selling their leatherbound manuscripts of aelderman uhtred x king alfred at the cathedral of winchester
 5 84 193 6.888

ex isa kalavinka @nodeofscherzo · 25 de jun ...
me as a fujoshi in the greek agora selling my hand drawn achilles x patroclus doujinshi when i spot my arch nemesis who ships patroclus x achilles giving a speech about the reasons why she thinks achilles bottoms and the philosophers are listening to her instead of buying my douj
 69 9.436 30,1 mil 948,1 mil

[Mostrar esta sequência](#)

limp bizkitten @nyannibals · 28 de ago ...
me as a fujoshi at ye olde town faire selling my manuscripts of horatio/hamlet doujinshi when i spot my archnemesis who ships hamlet/horatio giving a speech about the reasons why she thinks horatio bottoms & the townsfolke are listening to her instead of buying my dou
 1 7 19 754

Fonte tweet 1: <https://twitter.com/xiyuanhater/status/1696198526181556472?s=20>

Fonte tweet 2: <https://twitter.com/noldorina/status/1698008958185644138?s=20>

Fonte tweet 3: <https://twitter.com/nodeofscherzo/status/1673093760475885573?s=20>

Fonte tweet 4: <https://twitter.com/nyannibals/status/1696234237521969482?s=20>

A própria autora do tweet original, algum tempo depois, reconhece como o tweet, ao que tudo indica, se tornou um cospasta:

Figura 20 – quotweet da própria autora do post original de “me as a fujoshi”



Fonte: <https://twitter.com/nodeofscherzo/status/1674563174035537924?s=20>

Há outras observações extremamente importantes que devem ser feitas sobre esses dois exemplos apresentados – especificamente, sobre sua cristalização (ou

não), feita através da circulação em massa. Porém, para maiores contextualizações referentes a essas observações, é preciso, primeiramente, explicitar os obstáculos que surgiram durante esta etapa da pesquisa.

4 – DA TELA PARA TRÁS: OBSTÁCULOS

Como base teórica para este trabalho, destaquei como, na abordagem proposta por Paveau em seu Dicionário de Formas e Práticas da Análise do Discurso Digital, a autora postula a importância de uma abordagem ecológica – isto é, não logocêntrica – e pós-dualista para o trabalho com discursos nativos digitais. As observações trazidas a seguir não estão diretamente relacionadas ao processo de análise discursiva em si, mas sim à consideração de como há simetria na produção discursiva entre o técnico e o linguageiro, entre a máquina e o sujeito etc. nos ambientes digitais.

Para isso, fujo do rigor acadêmico e trago uma espécie de “anedota”, que contextualiza a constituição deste trabalho, bem como o processo de análise que tenho feito ao longo desses capítulos.

No trabalho de 2022, assim como na coleta dos corypastas não-prototípicos de 2023, aqui apresentada, a plataforma utilizada para a composição do corpus foi, primariamente, o Twitter (atualmente, em agosto de 2024, “X”). Como motivação para essa escolha, considerei tanto a importância e concomitância da formulação e circulação para a existência dos corypastas, quanto os aspectos técnicos e características compósitas específicas do Twitter. Isto é, a escolha original do Twitter como base principal para a composição do corpus foi intencional, uma vez que permitia um melhor direcionamento da pesquisa, por conta das seguintes características constitutivas da própria plataforma:

1. permitia um acesso mais abrangente a uma base de dados extremamente extensa, datando desde março de 2006;
2. por mais que os corypastas não sejam exclusivos do Twitter — pelo contrário, muitos deles surgiram em outras plataformas, ou só circulam em outras plataformas – as ferramentas de busca palavra por palavra, filtragem de datas, característica primariamente de compartilhamento textual, e possibilidade de pesquisa ampla do presente de escrita, assim como retroativa, faziam o Twitter ser uma ferramenta favorável para esse tipo de pesquisa.

3. outros ambientes, como o Reddit, por exemplo – outro centro de circulação de cypastas – não permite pesquisas extremamente direcionadas e, muitas vezes, possui restrições de páginas (*subreddits*) que podem ser acessados. No YouTube, o trabalho manual de encontrar vídeos que, por acaso, possuem ocorrência de cypastas nos comentários é bastante complicado e ineficiente, apesar de existirem e circularem assim. Na Twitch – plataforma primariamente de *stream* ao vivo de jogos – a ocorrência de cypastas é ainda mais efêmera, e ainda mais difícil de acessar retroativamente. No caso do Tumblr e Facebook, assim como outros ambientes como sites de fóruns, tanto a pesquisa retroativa quanto a concomitante também não é precisa ou, então, muitas vezes, até impossível.

Portanto, restava como melhor escolha o Twitter. Meu contato pessoal com a plataforma também favorecia a coleta, uma vez que – à luz das observações e hipóteses levantadas na primeira pesquisa de 2022 –, concluí que os aspectos de produção de sentido do tecnogênero cypasta podem ser mais precisamente trabalhados de uma posição de observação contínua.

Mas, frente a compra do Twitter pelo empresário Elon Musk em 27 de outubro de 2022, o algoritmo, a eficácia da pesquisa e, principalmente, a dinâmica na produção de discursos, bem como até mesmo os aspectos materiais (e compósitos) da plataforma têm mudado. E digo mudado, no presente, pois até agora, em agosto de 2024, as mudanças são constantes e imprevisíveis, mas que drasticamente alteram o funcionamento discursivo dos seus usuários.

4.1 – A SOBREVIVÊNCIA DOS COPYPASTAS

Com esse gancho, e retomando os casos de cypasta em formação do Capítulo 3, o exemplo do *Alhaitham arruinado* – por conta de sua recência relativa ao período de constituição do corpus deste texto – não pode ter sua “sobrevivência” inteiramente analisada – isto é, se trata-se realmente de um cypasta ou não.

Já no caso do *me as a fujoshi*, o período de existência do possível cypasta – cerca de 2 meses, referentes a constituição do corpus – já permitiria que sua característica de viral *spamável* efetivamente o tornasse um cypasta “cristalizado”.

Porém, não é isso que aparenta acontecer. Nas duas imagens a seguir, apresentarei duas capturas de tela da barra de pesquisa de “recentes” do Twitter, contendo as principais palavras do texto de dois copypastas: *me as a fujoshi* e *Light Yagami*.

Figura 21 – resultados de busca pelos termos “me as a fujoshi selling” na aba “mais recentes”, em 07/09/2023



Fonte tweet 1: <https://twitter.com/SiarexKH/status/1698024452728955129?s=20>

Fonte tweet 2: <https://twitter.com/angevinyaoiz/status/1698011121217929623?s=20>

Fonte tweet 3: <https://twitter.com/noldorina/status/1698008958185644138?s=20>

Figura 22 – resultados de busca pelos termos “*incrível a semelhança que eu tenho*” na aba “*mais recentes*” em 06/09/2023



Fonte tweet 1: <https://twitter.com/HamedIruga/status/1699563209072562561?s=20>

Fonte tweet 2: <https://twitter.com/cinamorou/status/1699544768122884112?s=20>

Fonte tweet 3: <https://twitter.com/nantirapelle/status/1699530903192494168?s=20>

Fonte tweet 4: <https://twitter.com/shinonomeoow/status/1699522579520708653?s=20>

Fonte tweet 5: <https://twitter.com/taerpjm/status/1699483914018930730?s=20>

Como é possível observar, no caso do corypasta do *Light Yagami*, a circulação ainda ocorre de maneira ampla, através de diversos modos de “interação” na plataforma (quotweet, comentários, respostas, tweets isolados etc.). Porém, no caso do *me as a fujoshi*, as ocorrências estão restritas ao período circundante daquele do post original – com caso mais recente no dia 2 de setembro –, apresentando menos ocorrências, menos tipos de interação e menos abrangência.

Claro, isto pode ser apenas relativo ao tempo de “nascimento” do corypasta que é, sem sombra de dúvidas, ainda bastante “jovem” se relativo àquele do *Light Yagami*. Mas, partindo aqui de observações empíricas e com difícil possibilidade de prova, o surgimento de corypastas novos parecem estar condicionados a aspectos do técnico cujo traço determinante é mais para “de trás da tela”. Elaboro esta compreensão no capítulo adiante, mas, por agora, o que ressalto pelas minhas observações é que a característica de spam também parece estar atenuada: enquanto o tipo de interação usual do corypasta do *Light Yagami* tem como característica que o mesmo corypasta seja colado como resposta sucessivamente, essa ocorrência não se repete com o recente *me as a fujoshi*.

Novamente: talvez, trata-se de meramente uma situação circunstancial devido à diferença de “idade” entre os dois. Mas, por mais que usuários identifiquem a característica de corypasta do *me as a fujoshi*, assim como o do *Alhatham arruinado*, essas ocorrências não circulam como um corypasta “tradicional” (prototípico) – pelo menos não no Twitter, e não no período de observação aqui registrado.

Usualmente, – e aqui, trato novamente de constatações empíricas por parte do meu próprio uso da plataforma – a circulação de um corypasta é caracterizada pelo spam massivo, inicialmente entre pré-estabelecidas comunidades, na constituição inicial da disputa de sentido. Em outras palavras, uma vez entrando em contato com o corypasta específico, ele é novamente recomendado sucessivamente através de filtragens algorítmicas – seja no Twitter, ou em quase qualquer outra plataforma. Usando uma situação de exemplo: se eu, como usuária do Twitter, público ou interajo com um corypasta, uma amiga, minha seguidora mútua e de interesses similares, tem o post a ela sugerido e, às vezes, resulta nela também engajar com o corypasta. Esse modelo de funcionamento desenrola em um tipo de circulação que é “difícil de escapar” – o verdadeiro spam – fazendo com que pessoas de um mesmo nicho de interesses entre em contato massivo com o corypasta que, depois, se expande fora

dos nichos. Essa característica é observada em todos os exemplos prototípicos trabalhados na “primeira camada” de 2022.

Porém, não ocorre – pelo menos não ainda – no caso dos novos dois exemplos não-prototípicos. Enquanto no caso do cypypasta do Light Yagami uma simples busca, no buscador do Twitter, das palavras “cypypasta Light Yagami” resulta na amostragem de tweets com o bloco de texto respectivo, uma busca por “cypypasta me as a fujoshi”, por exemplo, não traz como resultado o bloco de texto desse cypypasta. Pelo contrário, quando feita a pesquisa através de uma busca de termos para a coleta de recortes, no caso dos cypypastas não-prototípicos, só tive resultados através de dois métodos: 1) a pesquisa direcionada com o início do bloco de texto, como visível nas Figuras 21 e 22 ou; 2) uma busca por “cypypasta me as a fujoshi” que, devido à ausência de resultados diretos, culminou em uma necessidade de “busca manual”. Ou seja, para este segundo caso: um processo em que tive que, retroativamente – em tweets contendo as palavras “cypypasta”, “me”, “as”, “a” e “fujoshi” – identificar, através de postagens e “interações” de diversos usuários distintos, tweets que apresentavam uma ou mais ocorrência dentre essa lista de palavras, chegando, eventualmente, no “tweet original” e suas “interações originais” que fizeram “nascer” este possível cypypasta. Esse funcionamento configura, pelas minhas observações, uma evidência de que *me as a fujoshi* não “circulou o suficiente” entre/pelos sujeitos-usuários do seu próprio nicho discursivo para que o bloco de texto fosse identificado como tal pelos filtros algorítmicos de resultado/busca do Twitter – como ocorre no caso do Light Yagami, por exemplo.

Insisto que pode ser uma questão de tempo, mas minha suspeita, relativamente fundamentada, é de que não é: Musk tem aplicado regras algorítmicas intensamente “anti-spam” – ou assim ele diz – e de prioridade de recomendação massiva para os usuários que pagam pelo símbolo de verificado da plataforma – o chamado “Twitter Blue”, no período de coleta desses recortes em 2023 e, agora, em 2024, o denominado “X Premium”. O resultado são *timelines* – nome da página inicial do Twitter – altamente algoritmizadas não para personalização individual, mas sim para a exposição massiva dos perfis pagantes do Twitter Blue. A diferença de dinâmica na plataforma é significativa: se antes minha *timeline* constava com os tweets de amigos, perfis de interesse, e famosos que eu pessoalmente seguia, agora, ela é composta por verificados pagantes aleatórios, quase zero presença de amigos, e impulsionamento de tópicos relacionados à Inteligência Artificial e criptomoedas. Em

2024, curiosamente (mas não muito agradavelmente), há, também, a significativa presença de *bots* de conteúdos explícitos e/ou pornográficos – que permeiam a plataforma através do spam massivo de textos pré-formatados (notadamente, com a formulação “P U S S Y I N B I O”), geralmente iguais em sua formulação, e cujo modo de circulação primário ocorre do mesmo jeito daquele identificado nos cospastas – em comentários, tweets com comentários etc.

Ainda assim, considero que o aparente não-surgimento de novos cospastas no Twitter – ou, talvez, a não cristalização daqueles que surgem – não afeta a relevância do fenômeno para a pesquisa. Digo isto pois entendo que, no mínimo, seu estudo contribui para o avanço teórico-metodológico da Análise do Discurso Digital. Porém, recentes observações – primariamente ocorrentes em 2024, quando a influência de Musk na produção discursiva no/do ex-Twitter já está muito mais visível e sedimentada – inspiraram o desenvolvimento de uma reflexão – ainda da ordem das perguntas, pelo menos neste trabalho – acerca do que estou chamando, nesses estados primários de reflexão, como a “meta-existência” dos cospastas.

Antes de partir para a apresentação dessas reflexões, faço uma retomada final: considero que o estudo da “sobrevivência dos cospastas” é de extrema importância para o processo analítico aqui apresentado justamente por conta da determinação da instância da circulação na sua produção de sentido como cospastas. Um cospasta que não circula exaustivamente – mesmo que identificado por sujeitos-usuários como potenciais cospastas – não se cristalizam, efetivamente, em um. Isto é, ausentes da circulação (que, às vezes, beira o exaustivo) em spam, configuram uma produção de sentido cujo efeito é mais de um meme e/ou viral do que de um cospasta propriamente dito. Essa observação da ordem da circulação, por sua vez, também impacta na/pela constatação trabalhada por Paveau (2021) de como o “técnico” é tão constitutivo dos discursos nativos digitais quanto os sujeitos-enunciadores: independente dos motivos por trás da aparente não-cristalização de *me as a fujoshi*, por exemplo, considero um caso claro onde o aspecto relacionado ao técnico “de trás da tela” é tão importante quanto – se não mais importante – do que os gestos enunciativos dos próprios sujeitos usuários da plataforma Twitter. Feitas essas retomadas, passo, finalmente, à meta-existência dos cospastas.

5 – CENAS PARA OS PRÓXIMOS CAPÍTULOS: O PRIMADO DA FORMA

Destaco novamente, antes de tudo, que este capítulo trabalha com, primariamente, “hipóteses” e perguntas oriundas da observação contínua – durante o período do final de 2023 até a escrita deste trabalho, em agosto de 2024 – tanto dos cypastas prototípicos quanto dos não-prototípicos aqui apresentados, assim como a consideração de outros recortes que, por questões de objetividade, não foram trabalhados neste texto – como, por exemplo, os previamente pincelados *bots pornográficos* do “X”.

Considero essas proposições especificamente como “hipóteses” – mesmo que fundamentadas – pois entendo que exigem tanto um aprofundamento teórico, quanto uma maior coleta de dados e constituição de corpus, incluindo outras plataformas e, também, incluindo a observação de outros tecnôneros e tecnodiscursos. Em outras palavras, trata-se de, primariamente, uma proposição, um questionamento, assim como uma indicação para trabalhos futuros.

Portanto, no capítulo a seguir, e considerando principalmente os obstáculos encontrados durante a análise, apresento aquilo que, neste momento, entendo como ser uma “meta-existência” dos cypastas.

5.1 – A META-EXISTÊNCIA DOS CYPASTAS

Durante o período de escrita deste trabalho de conclusão de curso, que abrangeu, devido a suas origens, um período de quase dois anos, pude empiricamente observar o que acredito ser a, já mencionada, “meta-existência” dos cypastas.

Nas considerações finais do trabalho de 2022 – que não trouxe textualmente aqui – havíamos concluído que a análise dos cypastas podiam, em geral, nos fornecer diversos esclarecimentos sobre, especificamente na época, a dispersão de conteúdos textuais na internet. Desse modo – pensamos – realizar um esforço de compreensão sobre como essa dispersão se dá através da sua tecnicidade simplificada de efeito de “bloco de texto”, poderia nos demonstrar estruturas que viralmente se repetem, circulando interdiscursivamente como entidades formadoras/constituidoras de memória.

E retomo, especificamente, essa distinção da temporalidade do pensamento pois, na época, se tratava de uma “hipótese”, um guia, e, ao mesmo tempo, uma indicação de observações futuras.

Assim fiz: a observação do surgimento do possível cypasta do “*me as a fujoshi*” – que, como discutido, tem características singulares em relação ao nascimento de casos mais prototípicos –, assim como a (in)feliz “coincidência” do funcionamento dos *bots pornográficos* do “X”, corroborou para a ideia de que a inter-relação da formação e circulação de textos na internet pode ser representada como uma extrapolação do *modo de funcionamento* dos cypastas. Ou, em outras palavras, mais do que sua individualidade – que, por si só, é extremamente interessante – os cypastas poderiam servir, ou até são, a simplificação mais absurda possível do modo de funcionamento generalizado da *circulação* de discursos digitais – sejam eles memes, fake news, virais, discurso de ódio...ou *bots pornográficos*. Acrescento, retomando a abordagem da ADD proposta por Paveau: o atravessamento ideológico ocorre, também, pelos e por aspectos técnicos (ecológicos) da máquina, do algoritmo, e da dimensão político-histórica que constituíram e constituem o “ambiente” digital em si – para além do languageiro, do logocêntrico – participando de uma co-enunciação e uma co-constituição dos discursos. Consequentemente, cypastas – através da extrapolação, da hipérbole – serviriam como modelo de como relações discursivas e, consequentemente, sociais têm sido moduladas e/ou moldadas pela materialidade e aspectos técnicos da internet.

Retomo novamente as considerações feitas no subcapítulo 2.2.1 (“*Para uma apresentação inicial: cypastas e os gestos de interpretação*”) acerca de como os sujeitos-usuários praticam gestos de interpretação associados à leitura. Lá, observamos como a questão da tomada de posição estaria associada à escolha de compartilhamento – ou não – de textos na internet, incluindo os cypastas. Minha compreensão é de que essa relação iria mais fundo: além de só apresentar uma influência do/no compartilhamento (circulação), estaria também na forma (formulação) em bloco do cypasta, uma vez que o “sujeito-usuário” não é o único responsável pela produção discursiva no digital (é, afinal, uma co-enunciação tecnolinguageira, nos termos de Paveau (2021)). Trata-se da ideia de um novo padrão de gestos interpretativos, de tomadas de posição, uma espécie de “moral algorítmica”, talvez, que é espalhada nos discursos (ou espalha os discursos) no digital de maneira similar daquela “em bloco” do cypasta. São palavras-chave, conceitos já pré-estabilizados,

quase que “frases de efeito” que são “spamados” – porém de maneira mais sutil – sem grandes considerações por seus “reais” significados, por/através da sobredeterminação do técnico na produção discursiva do digital. E, considerando o aspecto constitutivo e privilegiado da esfera da circulação na produção de discursos no digital, esses seriam diretamente influenciados por fatores de “de trás da tela”. Em outras palavras: *me as a fujoshi* ou *Alhaitham arruinado* só circulam (assim constituindo-se) se o Elon Musk deixar.

Os cypastas seriam similares a um “esqueleto”, uma espécie de meta-representação das características fundamentais e constitutivas dos tipos de discurso nascidos, habitados e “privilegiados” do digital. Um discurso, este, cujo formato “físico” e materialidade no digital é mais importante do que sua fonte e seu “conteúdo” textual, e cuja circulação, ao mesmo tempo, constitui e depende da sua formulação. Não importa quem falou, não importa o que está sendo dito, o que importa é que está sendo falado e falado especificamente *daquele* jeito e assim, “permitido” circular, constituindo-se com/em discursos.

Obviamente, nem todo discurso digital (nativo ou não) apresenta todas as características que fazem de um cypasta um cypasta – como discutido, o cypasta se constitui como essa singularidade justamente por destoar de outros “tipos” – no sentido coloquial – de discurso. Mas, o absurdismo do cypasta em si seria uma espécie de meta-comentário de como o discurso digital é realizado em todas as esferas. Por exemplo, uma corrente do WhatsApp não funciona exatamente da mesma maneira que um cypasta – mas ela é massivamente compartilhada, lida superficialmente e re-compartilhada por ser o que é: uma corrente de WhatsApp; assim como cypastas, quando efetivados e cristalizados, são compartilhados por serem o que são – um cypasta.

Essa hipótese pode ser corroborada por uma outra observação, feita por Robert Topinka, no artigo “The Politics of Anti-Discourse: Cypasta, the Alt-Right, and the Rhetoric of Form” (2022). Até agora, todos os exemplos coletados e aqui apresentados foram de cypastas de circulação mais ampla, ou, então, de nichos do qual eu pessoalmente participo (como os não-protípicos *Alhaitham arruinado* e *me as a fujoshi*). A carga ideológica atravessada neles, portanto, também corresponde àquela algoritmicamente filtrada para o meu perfil ideológico pessoal. Topinka (2022), do contrário, coleta casos referentes à extrema direita, propondo que, para analisar

discursos no contexto digital, *forma* é mais importante que *conteúdo*. Para ele, a retórica da extrema-direita,

[...] Is dominated by performative anti-discourse (or trolling) that ironizes earnest belief [...]. The difficulty with this ironic style – which is characteristic not only of the alt-right but of much of the internet discourse – is not that the content of the discourse expresses the opposite of its apparent meaning, but instead that discourse has no representational meaning at all (Topinka, 2022, p. 2).

Assim, ele analisa a correlação entre cypastas circulados em ambientes conhecidamente habitados por essa tipicidade ideológica – como fóruns do tipo 4chan – e o como esse aspecto ideológico em si não é nascido, propagado, corroborado e realizado pelo conteúdo, mas sim na forma “em bloco” de textos do tipo do cypasta. Como exemplo, ele traz o cypasta por ele denominado como “Free Bobby Shmurda”: uma figura do personagem *Garfield* em forma de arte ASCII – ou, em outras palavras, um agrupamento de caracteres como barras, espaços etc. que formam uma imagem – com a frase *Free Bobby Shmurda* estampada na barriga do personagem. Como frase, *Free Bobby Shmurda*, originalmente “became a slogan associated with #BlackLivesMatter and other anti-racist campaigns. [...]” (Topinka, 2022, p. 4) mas, se considerado na composição junto (imbricada) à do *Garfield*, tornou-se um cypasta que “taps into [the movement’s hashtag] merely as an available internet reference that can be rearranged into another form” (Topinka, 2022, p. 4). Topinka ainda diz:

This cypasta suggests that any digital content – even urgent critiques of racist policing – can be captured in a form that evacuates the meaning of that content. [...] Rather than making a critique, it gestures towards the futility of critique. This gesture is reactionary in the sense [that] it questions the very ground upon which one might launch a radical critique of the present. (Topinka, 2022, p. 8).

A ideologia e atitude reacionária, portanto, não estariam nas palavras ou “conteúdo do texto”, mas sim no fato que uma forma estática – uma arte ASCII do *Garfield* com o slogan, previamente associado com o movimento #BlackLivesMatter, na barriga – é compartilhada tão esvaziada de sentido que, retroativamente, ironiza movimentos antirracistas, trazendo à tona a “futilidade da crítica”.

Algo parecido acontece, do lado inverso do espectro ideológico e da disputa de sentido, com o caso do cypasta do *Alhatham arruinado*: uma reação inicial ao texto de origem traz à tona o aspecto ideológico dos usuários (que, ao que tudo indica,

condenam o tweet original como caso de homofobia). Mas, a partir do momento que o texto vira um “bloco”, copiado/colado na forma de um início-de-copypasta – e assim, sucessivamente, compartilhado –, o conteúdo textual em si se esvazia de significado, retroativamente ironizando a homofobia inicialmente valorada.

Também é possível compreender que certas formas de *ativismo performativo*, frequentemente visto em espaços online, apresentam características que lembram aquela do copypasta – acontecimentos são distorcidos por usuários, e palavras específicas que são massivamente repetidas, praticamente copiadas e coladas. Trata-se de uma banalização dos significados – aqui como termo coloquial, não necessariamente aquele de Saussure –, já que a materialidade da palavra em si já é identificável. Os caracteres, o tamanho, a forma “física” das palavras automaticamente associa o autor de um post a subnichos já pré-estabelecidos como, por exemplo, militantes de esquerda. Considero que um efeito inverso a esse pode ser observado, talvez, no *copypasta do Lula*, que explicitamente joga com as “tags” bolsonaristas.

Claro, não significa que toda militância, ou que qualquer interação online seja desprovida de “profundidade”. Pelo contrário, mesmo as maiores repetições em forma de spam possuem profundidade nesse comportamento/funcionamento em si – como identificado por Topinka no caso da extrema-direita, e também “hipotetizado” em uma escala mais ampla por mim.

Vale ressaltar novamente que, especialmente da minha parte, a ausência de “provas concretas” classifica essas observações apenas como “hipóteses”. Talvez, essas ideias, uma vez analisadas a fundo, simplesmente não correspondam à realidade. Possivelmente, correspondem, mas em uma escala tão pequena que não há relevância suficiente em se associar diretamente o copypasta a esses fenômenos massivos da discursividade na internet.

Porém, considerado que esse tipo de questão só poderia ser efetivamente resolvida através da pesquisa e, especificamente, de uma coleta maior de dados iniciais sobre o copypasta, deixo aqui, então, minhas indicações para trabalhos futuros nesta linha de pesquisa, com muitas perguntas que me levarão a percorrer as relações de sentidos produzidas no espaço digital. Finalizo, assim, com minhas considerações finais.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Copypastas são tecnogêneros – necessariamente nativos digitais – cuja significação como discurso depende intrinsecamente de fatores da ordem do técnico, para além de apenas aqueles linguageiros. Como “fenômeno”, são blocos de texto, necessariamente rígidos, cuja regularidade da forma é constitutiva do seu sentido – uma vez que precisam ser, literalmente, copiados e colados no ambiente digital como aspecto essencial da sua circulação, que, por sua vez, os cristalizam, significando.

São compartilhados através do spam, e só assim passam pelo processo de cristalização dos tais blocos de textos X ou Y (no *Naruto*, ou do *Light Yagami*, por exemplo) ao serem copiados e colados, sucessivamente, constituindo-os como copypastas. Assim, significam, por serem identificados *como* um copypasta. Isto é, em termos mais coloquiais, sua produção de sentido vai além de somente uma “interpretação de texto” do seu aspecto “linguageiro”: mesmo que em um primeiro momento sua circulação esteja ligada a um gesto interpretativo e a uma tomada de posição, um texto – mesmo que copiado e colado em bloco sucessivamente – não é um copypasta até que este seja cristalizado em sua forma rígida, de maneira que sua produção de sentido passa a ser atrelada a uma mobilização da memória tecnodiscursiva (copiar e colar, aquele bloco específico) cuja significação é produzida através do *nonsense*, da “piada interna” de que aquele bloco de texto “não faz sentido”, mas é engraçado porque “é o *copypasta do Light Yagami*”.

Sua significação vem do movimento de serem tão *spamados* que se tornam “ausentes” das suas interpelações da memória discursiva relativa ao linguageiro, ao linguístico, ao sócio-histórico – viram metálicos. As formulações anteriores que atravessam um copypasta prototípico – ou seja, cristalizado – são, primariamente, aquelas da ordem do técnico (da forma “física” dos caracteres, da composição material específica daquele copypasta X ou Y etc.) fazendo com que esses sequer precisem ser lidos para que signifiquem como copypastas. É por esta razão, inclusive, que muitos dos copypastas prototípicos (como o do *Neymarzete*, ou o do *Free Bobby Shmurda*) apresentam características que beiram o “ilegível” (seja ela pelo tamanho massivo do texto copiado e colado, ou por sua composição em caracteres ASCII que formam uma “imagem”).

Os cypastas não-prototípicos (como o do *Alhaitham arruinado*) são identificados como *possíveis cypastas* por internautas através da primeira etapa do seu processo de “nascimento”: os gestos de interpretação, em um processo de identificação *versus* não-identificação, de um enunciado qualquer fazem com que, através do movimento de copiar e colar aquele bloco de texto, sujeitos-usuários constituam uma disputa de sentido, relativa ao discurso do “texto original” identificado. Porém, só este movimento não é suficiente para a constituição de um cypasta.

Novamente, para que um discurso signifique como o tecnogênero cypasta, este precisa circular em *spam*, cristalizando-se, e passando pelo processo de se “ausentar” de significado linguageiro. O caso do cypasta *Alhaitham arruinado*, por exemplo, é uma ocorrência de surgimento de um potencial cypasta que, agora, em 2024, já considero como exemplar que não se cristaliza como tal. A partir das minhas mais recentes observações, em agosto de 2024, *Alhaitham arruinado* não circula mais – ou, pelo menos, não em *spam*. As últimas ocorrências de postagens de usuários no Twitter que consegui rastrear contendo a formulação (em efeito de bloco de texto) que corresponde ao então-potencial-cypasta, são datadas de 31 de março de 2024 – com duas postagens – e, depois, a partir de 27 de setembro de 2023, cuja ocorrência passa a ser mais frequente.

Para efeitos de comparação, por exemplo, no dia 30 de agosto de 2024 pude encontrar mais de 7 ocorrências do *cypasta do Light Yagami* cujo horário de postagem correspondia a menos de 24 horas do momento em que fiz a busca. Considero, portanto, como uma observação aqui nas considerações finais, que o cypasta do *Alhaitham arruinado*, por exemplo, trata-se de uma postagem cuja produção de sentido é aquela similar à de um *meme*, ou um *viral*, apesar de seu potencial de cypasta.

Com isso, faço o gancho com a “hipótese” – e indicativo de continuidade de análises – de como os cypastas podem ser uma hiperbolização, ou, talvez, uma meta-existência com relação aos processos de constituição, formulação e circulação dos discursos digitais. Uma possível indicação da “regra” no caos da produção discursiva do online, o “primado da forma” – isto é, a consideração de que a “forma física” de um texto sobre-determina a sua significação, por conta do peso co-enunciativo que o técnico traz para os discursos digitais. Avanço com um questionamento: até que ponto, por exemplo, o “aspecto Elon Musk” da/na dinâmica de produções de sentido da plataforma “X” (antigo Twitter) impacta na circulação (ou,

nesse caso, a *não* circulação) de um possível-copypasta – como o do *Alhatham arruinado* – cujo primeiro passo da sua constituição *como* um copypasta está na inicial disputa de sentido que ironiza discursos homofóbicos?

Para colocar a pulga atrás da orelha: enquanto escrevo estas considerações finais, o acesso em todo o território brasileiro à plataforma “X” (antigo Twitter) está bloqueado por determinação do ministro Alexandre de Moraes. A motivação: Elon Musk, dono do ex-Twitter, recusou-se a cumprir a ordem judicial, determinada pelo ministro, de retirar do ar perfis de influenciadores de extrema-direita, participantes do golpe de 8 de janeiro de 2023, e/ou incitadores de desinformação, discursos neonazistas, entre outros discursos de ódio (incluindo, destaque, o homofóbico). Recusando-se a cumprir a ordem judicial, Musk foi multado e, recusando-se novamente a pagar a multa, demitiu todos os representantes legais do ex-Twitter em território nacional – ilegal, segundo a constituição de 1988. Moraes, então – ousou dizer, corretamente – determinou a suspensão do “X” (Twitter) no Brasil até que Musk cumpra seus deveres legais de acordo com a constituição brasileira. Por enquanto, tudo que Musk fez foi – além de espalhar desinformação sobre o sistema legal brasileiro – acusar Moraes de ser um ditador.

Ainda na pulga, e especificamente quanto ao “de trás da tela”: em alguns trechos deste trabalho, menciono a “culpa” daquilo que chamei de “algoritmo” na produção discursiva dos discursos nativos digitais – em especial, neste caso, dos copypastas. Porém, vale ressaltar: a noção de que se trata de *um* – isto é, de um *único* – algoritmo é, no mínimo, ilusória. Assim como é ilusória a noção de que se trata de apenas “uma” internet, cujas “postagens” (discursos) em circulação são os mesmos ou, então, são “acessíveis” ou “rastreáveis” a/por todos seus “usuários”. Foi por uma falta de transparência – que, ressalto, é assim *by design* – quanto ao funcionamento “real” de como se dá a filtragem e impulsionamento no, por exemplo, Twitter (atual “X”), que deixei de abordar, neste trabalho, a complexidade das *filtragens algorítmicas* – no plural – hiper personalizadas para cada perfil de “usuário” (produto), que são calculados a partir da infinidade de dados coletados e cruzados em escala global, por meio e nas “plataformas” das Internets – novamente no plural.

Essas múltiplas *internets* e *algoritmos* impactam diretamente na produção e circulação dos copypastas, assim como quaisquer outros discursos, em mais de uma frente. Esses são aspectos que faço alusão a partir do Capítulo 4 deste trabalho, mas que entendo precisar de um aprofundamento teórico para que sejam propriamente

articulados. Porém, deixo aqui uma observação inicial: é efeito das *internets* a ilusão de que aquilo que “aparece” a um usuário é por coincidência, é porque “apareceu para todo mundo” ou – e entendo essa como sendo particularmente perigosa – porque o “algoritmo sabe meus interesses”. Não que a bolha algorítmica hiper personalizada não exista – menciono desde a introdução deste trabalho como a filtragem personalizada para o que é entendido como o meu “perfil de usuário” (produto) foi um fator que nunca pude deixar de desconsiderar nas minhas análises ao longo deste trabalho –, mas sim que seu efeito é de uma *ilusão de controle*. Em outras palavras, trata-se de uma ilusão de que “o algoritmo” pode ser intencionalmente manipulado por sujeitos-usuários por meio de, por exemplo, buscas específicas, curtidas e retweets de postagens cujo tema é esse ou aquele etc.

Superficialmente, talvez. Mas, deixo aqui mais uma pulga: considero que, por exemplo, o caso do cypasta não prototípico do *Alhatham arruinado* – que tem na sua significação uma ironização do discurso homofóbico – e seus efeitos de circulação (ou, no caso, não circulação) pós-compra do Twitter por Elon Musk, são indicativos de como mesmo as filtragens hiper personalizadas são dependentes, de novo, de decisões opacas que regem a circulação de discursos no digital. Novamente, para todos os efeitos, eu, como “usuária” cujo perfil-produto é um que ativamente engaja com tópicos e conteúdos queer, esta “aparição” (de, por exemplo, discursos anti-homofobia) “deveria” ser a “regra do que aparece” na minha *timeline*. Não é esse o caso, uma vez que, retomo, pós compra do Elon Musk, por exemplo, é tangível a mudança de “tipo” de discursos impulsionados na plataforma. Ou seja, o questionamento que indico é o seguinte: ainda considerando a “hipótese” da hipérbole, até que ponto seria a “escolha” de “copiar e colar” um cypasta também uma ilusão?

Além das pulgas mais cabeludas dos “de trás das telas” que regem os questionamentos e a “hipótese” da hipérbole e meta-existência dos cypastas, também ressalto que há diversos outros aspectos quanto ao funcionamento discursivo e produção de sentido desse tecnogênero que ainda podem ser mais profundamente explorados. Um deles, por exemplo, seria uma possível análise mais específica dos efeitos de sentido de um cypasta que “aparece” em um “lugar” *versus* em outro. Em outras palavras, enquanto mantive o enfoque analítico deste trabalho na construção dos efeitos de sentido “esperados” (ironia, absurdismo etc.) dos/nos recortes aqui abordados, há um outro ângulo de análise possível cujo enfoque é, justamente, a

significação para aqueles que desconhecem que este ou aquele coryypasta é cristalizado (ou “re/conhecido”) como um coryypasta – construção de sentido, esta, que certamente não será a mesma.

Concluindo, considero que essas considerações e compreensões apresentadas ao final do trabalho – a “tese da forma” e a “regra no caos” – são bons inícios (ou indícios) para um aprofundamento em pesquisa. Considero que, independentemente da confirmação – ou não – desses questionamentos, os coryypastas são bons objetos de estudo, uma vez que, no mínimo, são exemplos de discursos digitais nativos e, desse modo, cuja análise e observação podem contribuir para o desenvolvimento e aprimoramento das teorias de/do discurso sobre o e no digital.

Entendo que, para essas futuras reflexões, é necessário, primeiro, um aprimoramento, aprofundamento e diversificação teórica. Por exemplo, através da Análise do Discurso Digital de Cristiane Dias (2018); através do adentramento em conceitos mais específicos – como o de *imbricação material e composição*, de Suzy Lagazzy; ou, também, através de aprofundamentos teóricos “de base”, como uma leitura de “Cybercultura”, de Pierre Lèvy, ou dos extensos textos de base da Análise de/do Discurso materialista, sobretudo as obras de Michel Pêcheux e Eni Orlandi.

Também considero necessária uma revisão do corpus – assim como uma expansão para recortes de outras plataformas – a fim de, ainda mantendo uma intenção qualitativa, trabalhar com mais exemplos de coryypastas (sejam eles prototípicos ou não), oriundos de outras plataformas (como a Twitch, o Youtube ou, até mesmo, o 4chan etc.) a fim de expandir o escopo de análise, assim como o escopo da disputa de sentido em suas fases iniciais – mas não só iniciais – de constituição dos coryypastas. Seguindo a direção da “tese da forma”, também entendo que uma análise de outros discursos digitais nativos – como as correntes do Whatsapp – ou até mesmo não necessariamente nativos – como exemplos notáveis de desinformação e/ou *fake news* – são extremamente indicados. Ressalto que a construção desse corpus deve ser feita com consideração mais estrita às suas características compósitas.

Finalmente, finalizo este TCC com esta homenagem ao tecnogênero coryypasta:

Você quer um carro que faça o trabalho? Você quer um carro sem complicações? Você quer um carro que literalmente ninguém vai elogiar? Então não procure mais. O Toyota Corolla 1999. Vamos falar sobre recursos.

Bluetooth: não Teto solar: não Rodas chiques: não Câmera de ré: não... mas tem um vidro traseiro transparente e você tem um pescoço que pode virar.

Deixe-me contar uma história. Um dia, meu Corolla começou a fazer um barulho estranho. Eu não dei a mínima e ignorei. Ele desapareceu. Fim. Você poderia tirar o motor deste carro, jogá-lo da Golden Gate Bridge, pescá-lo da água mil anos depois, colocá-lo no porta-malas do carro, encher o tanque de gasolina com Nutella, virar a chave e este filhote iria começar a funcionar. Este carro vai durar mais que você, vai durar mais que seus filhos.

Coisas que este carro é velho o suficiente para fazer: Votar: sim Consentir em sexo: sim Alugar um carro: É um carro

Este carro tem história. Ele já viu muita coisa. As pessoas fizeram coisas honestas neste carro. As pessoas fizeram coisas gays neste carro. Ele não vai julgar você como um Volkswagen faria. Fatos interessantes: A cor exterior deste carro é cinza, mas a cor interior é cinza. No manual do proprietário, o óleo é listado como "opcional". Quando este carro foi apresentado no Salão do Automóvel de Detroit de 1998, causou um bocejo espontâneo em todos os 2.000 participantes. A mudança abrupta de pressão do ar dentro do prédio causou um colapso parcial do telhado. Quatro pessoas morreram. O evento é registrado no documentário "Bored to Death: The Story of the 1999 Toyota Corolla"

Você quer saber mais? Ótimo, eu pedi para meu carro preencher uma pesquisa no Facebook. Comida favorita: espaguete Programa de TV favorito: Alf Banda favorita: empate entre Bush e Gin Blossoms

Este carro é tão prático quanto um IRA Roth. É tão mediano quanto seu avô durante seu último alerta de prata. É tão utilitário quanto um membro de uma igreja cuja escritura é baseada inteiramente em contas de água. Quando eu corri o CarFax para este carro, recebi um único pedaço de papel que dizia: "É um Corolla. Está tudo bem." Vamos encarar os fatos, este carro não vai ganhar nenhum concurso de beleza, mas você também não. Pare de mentir para si mesmo e pare de mentir para sua esposa. Este não é o carro que você quer, é o carro que você merece: O Toyota Corolla 1999.

REFERÊNCIAS

ASCII. **Wikipédia**, 2024. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/ASCII>>. Acesso em: 30 de ago. de 2024.

COPYPASTA. **Wikipédia**, 2022. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Copypaste>>. Acesso em: 30 de set. de 2022.

CAVALCANTE, Monica Magalhães. Prefácio. In: MARIE-ANNE, PAVEAU. **Análise do Discurso Digital**: dicionário das formas e das práticas. 1. ed. Campinas – SP: Pontes Editores, 2021. p. 13-18.

DIAS, Cristiane. **Análise do Discurso Digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

DIAS, Cristiane. A Análise do Discurso Digital: um campo de questões. **REDISCO**, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p. 8-20, 2016.

DIAS, Cristiane. e-Urbano: a forma material do eletrônico no urbano. In: DIAS, Cristiane. **E-urbano**: Sentidos do espaço urbano/digital [online]. 2011, consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano>

FERNANDES, Carolina. Memória Discursiva. In: Glossário de termos do discurso - edição ampliada. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 207-214.

LAGAZZI, Suzy. O recorte significativo da memória. In: Indursky, F.; Leandro, M. C.; Mittmann, S. (orgs.). O Discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009.

LAGAZZI, Suzy. O recorte e o entremeio: condições para a materialidade significativa. In: Rodrigues, E. A.; Santos, G. L. dos; Castello Branco, L. K. (orgs.). Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre – uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas, Editora RG, 2011.

LAGAZZI, Suzy. Paráfrases da Imagem e Cenas Prototípicas: em torno da memória e do equívoco. In: Giovanna Flores; Nádia Neckel; Solange Gallo. (Org.). Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia. Campinas: Pontes, 2015, v. 1, p. 177-189.

LAGAZZI, Suzy. Materialidade discursiva: “não se pode dizer não importa o quê”. In: Grigoletto, Evandra; Costa, Thiago César da. Diálogos com Analistas de Discurso: reflexões sobre a relevância do pensamento de Michel Pêcheux hoje – Dialogues avec Analystes du Discours: réflexions sur la pertinence de la pensée de Michel Pêcheux aujourd’hui. Campinas: Pontes, 2023.

LAGAZZI, Suzy. O Exercício Parafrásico na Imbricação Material. In: ANPOLL, [S. I.]. Resumo: [S. I.], 2012, sem página. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/anpoll/resumos/SuzyLagazzi.pdf>. Acesso em: 1 de set. de 2024.

LISTA DE EPISÓDIOS DE NARUTO **Wikipédia**, 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_epis%C3%B3dios_de_Naruto>. Acesso em: 30 de ago. de 2024.

MUNHOZ, João Pedro Gonçalves; PAIVA, Moisés Almada Melo de; PERES, Bruna Gargarella; STEFANI, Helena Bonuccelli. Trabalho Final - Copypastas. [s.n], São Carlos, 2022. Não publicado.

O Que é Meme?. **Museu dos memes**, 2022. Disponível em: <<https://museudememes.com.br/o-que-sao-memes>>. Acesso em: 30 de set. de 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo, SP: Cortez, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade. **RUA**, Campinas, v. 2, n. 16, nov. 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638816>. Acesso em: 07 set. 2023.

ORLANDI, E.P. **Interpretação**: Autoria, leitura e efeito do trabalho simbólico. 5ª edição. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, E. P. TEXTO E DISCURSO. **Organon**, Porto Alegre, v. 9, n. 23, 2012. DOI: 10.22456/2238-8915.29365. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29365>. Acesso em: 25 fev. 2024.

ORLANDI, Eni. A noção de materialidade. In: Vídeos Labeurb <http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/videos/videos.lab> Dez. 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise de Discurso: conversa com Eni Orlandi. [Entrevista concedida a] Raquel Goulart Barreto. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, p. 1-7, jan/dez, 2006

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PEQUENO, Vitor. Gramatização, colonização e resistência. **Traços de Linguagem - Revista de Estudos Linguísticos**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2023. DOI:

10.30681/2594.9063.2023v7n1id11194. Disponível em:
<https://periodicos.unemat.br/index.php/tracos/article/view/11194>. Acesso em: 25 abr. 2024.

PEQUENO, V. **Tecnologia e Esquecimento**: uma crítica a representações universais de linguagem. Campinas: Pontes Editores, 2020.

PEQUENO, Vitor. **Tecnologia e esquecimento**: uma crítica a representações universais de linguagem. 2019. 1 recurso online (229 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

SUBCULTURA. **Wikipédia**, 2024. Disponível em:
<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Subcultura>>. Acesso em: 30 de ago. de 2024.

TOPINKA, Robert. The politics of anti-discourse: Copy-pasta, the Alt-Right, and the rhetoric of form. **Theory and Event**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 392-418, abril, 2022. Disponível em: <https://eprints.bbk.ac.uk/id/eprint/44169/>. Acesso em: 07 set. 2023.